



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA- UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS - CAMPUS IV
LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA

ROSILANE GOMES DE OLIVEIRA

A PERDA DOS REFERENCIAIS URBANOS NO CENTRO DE JACOBINA- BAHIA

Jacobina, BA

2014

ROSILANE GOMES DE OLIVEIRA

A PERDA DOS REFERENCIAIS URBANOS NO CENTRO DE JACOBINA- BAHIA

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao curso de Licenciatura plena em Geografia da Universidade do Estado da Bahia - UNEB, Departamento de Ciências Humanas – DCH – Campus/IV, como parte dos requisitos para obtenção de grau de Licenciado em Geografia.

Orientadora: Prof^a. Esp. Jamille da Silva Lima

Jacobina, BA

2014

ROSILANE GOMES DE OLIVEIRA

A PERDA DOS REFERENCIAIS URBANOS NO CENTRO DE JACOBINA- BAHIA

Monografia submetida à análise pela Comissão Examinadora do Corpo docente da Universidade do Estado da Bahia- UNEB, Campus IV, Jacobina- BA, como parte dos requisitos necessários para obtenção de graduação do curso de Licenciatura Plena em Geografia.

Composição da Banca Examinadora:

Professora Orientadora: Esp. Jamille da Silva Lima
UNEB- DCH IV

Profº Me. José Alves de Jesus
UNEB/ DCH IV

Profa. Ma. Jacy Bandeira Almeida Nunes
UNEB/ DCH IV

Aprovado em _____ de _____ de 2014.

Dedico,

Aos meus pais Reginaldo Paulo de Oliveira e Elizabete Gomes de Oliveira, por todo o amor, cuidado, apoio e orações. Sem eles esse trabalho não seria possível. A minha avó materna Isaurí dos Santos Gomes, por todo amor e cuidado. A Angélica Maria de Oliveira, Pedro Paulo de Oliveira, Elizabete Sousa de Oliveira e Edvaldo Nunes Gomes (em memória).

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Jesus, o Cristo, o mais perfeito ser em amor, humildade e cuidado infindo. O Deus em quem confio, autor da fé que me move e me faz ser quem sou. De todo o meu amor, de todo o meu coração, meus humildes agradecimentos.

Agradeço aos meus pais, meus heróis, Reginaldo Paulo de Oliveira e Elizabete Gomes de Oliveira, por serem exemplo de honestidade e força sempre. Minha irmã Rejane Gomes de Oliveira, por todo amor e cuidado dedicado a mim sempre. A Elizelma Gomes de Oliveira, por todo apoio e companheirismo durante minha vida e graduação. Agradeço imensamente pela irmandade e amizade de vocês. Pela amizade e apoio de Eliel Gomes, Rodrigo Almeida e Arielson Silva.

Agradeço a minha professora e orientadora Jamille da Silva Lima, por pacientemente acompanhar este trabalho, por toda orientação, aprendizagem durante a graduação, por acreditar em mim, pela responsabilidade e amizade. Agradeço imensamente, sem ela este trabalho não seria o mesmo. Muito obrigada ao professor José Alves por todo conhecimento que me ajudou a construir no curso de Geografia, por ter contribuído com este trabalho, pelo apoio e competência, um grande referencial para mim. A professora Jacy Almeida Bandeira Nunes, por tudo que aprendi com ela, e por ter também contribuído com este trabalho. Agradeço a todos os professores que contribuíram com a minha formação, em especial a professora Miriam Guerra.

Aos companheiros de graduação, com quem dividi muitos momentos durante estes quatro anos na Universidade, momentos por vezes muito difíceis, momentos de alegrias e também vitórias. Agraço em especial à Nelci Dias, pela amizade e apoio durante este trabalho. Gabriel Reis, grande colega com quem aprendi muito, e contribuiu na realização deste. Agradeço também a Josiane Rodrigues e Eliane Moreira pela amizade e por tudo que aprendemos juntas durante a graduação.

Pelas ausências e presenças dos meus amigos: Edvaldo dos Reis, Thatiana Souza, Ionara Rios, Paulo Vítor, Ana Paula, Leane Santos, Naidi Oliveira, Maristela Santana. Pelas orações dos meus amigos Célia Rios, Neto Rios e Cristiane Aquino, pela irmandade de Camilla Rios e Júlia Matos. Por pessoas especiais com quem convivi: Wesla Coutinho, Gleicia Coutinho e Graciele Coutinho.

Agradeço as pessoas muito especiais que tive o privilégio de conhecer durante esse tempo em Jacobina: Vanessa Anunciação, pessoa que aprendi admirar

e respeitar muito; Vaninha Leite pela alegria de sempre, alto astral, também a Andreza Silva, menina inventora, a Vandelma Oliveira pelos momentos e conversas agradáveis, pessoa mais que especial. Cleidiana Alves, Humberto Maia, Senilde Amaral e Tainara Carvalho, grandes colegas; Jerriana Santana e Amanda Costa grandes pessoas que também contribuíram na realização deste trabalho. Sr. Luís, que também contribuiu com o mesmo. Obrigada também a Magno Franco pela tradução.

A todos os meus familiares e aqueles que direta ou indiretamente passaram por minha vida. Aqueles que nunca deixaram de orar ou torcer por mim. Muito, muito obrigada.

Como momento presente, a cidade só existe pela “acumulação de tempos do passado”, mas a perda dos referenciais urbanos, produto da rapidez com que a morfologia se transforma, redefine a prática socioespacial e nos faz mergulhar, hoje, na “vertigem do vácuo”.

Ana Fani Alessandri Carlos

RESUMO

A presente pesquisa teve o objetivo de compreender a influência das transformações arquitetônicas no Centro de Jacobina na perda dos referenciais urbanos. A pesquisa é um estudo de caso, entendendo que este direciona para o estudo das dinâmicas socioespaciais existentes num determinado lócus. Utilizou-se o enfoque crítico dialético e uma abordagem qualitativo-quantitativo. A realização da coleta de dados foi feita através de pesquisa documental, iconográfica e de campo. Para a realização desta, entrevistaram-se trinta e duas pessoas residentes no recorte do centro urbano. Na análise dos dados coletados em campo, geraram-se alguns dados estatísticos, bem como as falas dos sujeitos pesquisados foram analisadas, sendo imprescindíveis para o presente trabalho. Os resultados dos dados coletados, tabulados e analisados apontaram que a perda dos referenciais no centro de Jacobina, decorre das diversas transformações arquitetônicas no centro de Jacobina. Constatou-se a partir das análises realizadas sobre as falas dos sujeitos, que ainda que o desaparecimento dos marcos referenciais, dado através das transformações ocorridas em suas formas ou ainda além das novas funções de uso dessas construções, para alguns caracteriza um fator negativo, enquanto que para outras pessoas não. Os sujeitos demonstraram considerar que a perda dos referenciais urbanos, é produto das tantas modificações ocorridas no centro urbano.

Palavras-chave: Espaço Urbano; Centro de Jacobina; Referenciais Urbanos; Transformações Arquitetônicas.

ABSTRACT

This research had the aims to understand the influence of the architectural changes in Jacobina Center in loss of urban references. The research is a case study, understanding that this directs to study the existing socio-spatial dynamics in a given locus. Critical dialectical approach and a qualitative-quantitative approach were used. The data collection was done through research documentary, iconographic and field research. For achieving this, were interviewed thirty-two people residing in the cutout of the urban center. In analyzing the data collected in the field, the results are some statistical data as well as the statements of the subjects studied were analyzed, being essential for the present work. The results of data collected, tabulated and analyzed, indicated that the loss of the referential in the center of Jacobina, stems from the various architectural transformations in the Jacobina center. It was found from the analyzes performed on the subjects' statements, that although the disappearance of benchmarks given through transformations in their forms or new functions using these buildings for some featuring a negative factor, while for others not. The subjects demonstrated consider that the loss of urban references is the product of the many changes occurring in the urban center.

Keywords: Urban Space; Jacobina's Center; Urban references; Architectural transformations.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: Tipo de Imóvel.....	66
--------------------------------------	----

LISTA DE FOTOGRAFIAS

FOTO 1: Praça Castro Alves.....	42
FOTO 2: Casarão na Praça Castro Alves.....	44
FOTO 3: Casarão também na Praça Castro Alves.....	45
FOTO 4: Casarão em condições ruins na Praça Castro Alves.....	46
FOTO 5: Parte lateral do casarão.....	46
FOTO 6: Parte de trás do casarão.....	47
FOTO 7: Pessoas transitando em frente do casarão na Praça Rio Branco.....	48
FOTO 8: Frente do casarão na Praça Rio Branco.....	49
FOTO 9: Antigas construções na Rua Manoel Novais.....	50
FOTO 10: Igreja das Missões.....	55
FOTO 11: Igreja da Conceição.....	57
FOTO 12: Igreja da Matriz.....	59
FOTO 13: Antiga Casa Paroquial de Jacobina (atual <i>Wise</i>).....	61
FOTO 14: Casa à Praça Castro Alves, 61.....	62
FOTO 15: Casarão na Praça Miguel Calmon.....	69
FOTO 16: Casarão na Praça Miguel Calmon.....	69
FOTO 17: Telhado do casarão em condições ruins.....	70
FOTO 18: Casa situada à Praça Castro Alves, 61 em (1993).....	76
FOTO 19: Casa situada à Praça Castro Alves, 61 em (2014).....	77

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1: Há quanto anos reside no centro de Jacobina.....	65
GRÁFICO 2: Condição do Imóvel.....	65

LISTA DE MAPAS

MAPA 1: Localização Geográfica de Jacobina- Bahia.....	34
MAPA 2: Área de estudo: centro urbano.....	40
MAPA 3: Micro- Região.....	54

LISTA DE ABREVIATURAS

CEC- Conselho Estadual de Cultura

FUNCEB- Fundação Cultural do Estado da Bahia

IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IPAC- Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia

IPHAN- Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

SIPAC- Sistema de Informações do Patrimônio Cultural da Bahia

SMS- Secretaria Municipal de Saúde

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 O ESPAÇO URBANO: COMPREENDENDO AS SUAS FACETAS	15
1.1 DISCUTINDO O CONCEITO DE ESPAÇO.....	15
1.2 O ESPAÇO URBANO BRASILEIRO.....	19
1.3 AS MODIFICAÇÕES NO ESPAÇO URBANO: ESTRUTURA, PROCESSO, FUNÇÃO E FORMA.....	25
1.4 O ESPAÇO URBANO EM JACOBINA	30
2 OS REFERENCIAIS URBANOS NO CENTRO DE JACOBINA	33
2.1 LOCALIZAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO HISTÓRICA DO MUNICÍPIO DE JACOBINA ..	34
2.2 O QUE SÃO REFERENCIAS URBANOS	39
2.3 DOS REFERENCIAIS URBANOS: OS MONUMENTOS HISTÓRICOS TOMBADOS ...	52
2.4 ALGUNS DADOS DOS MORADORES DO CENTRO DE JACOBINA.....	64
2.5 A VISÃO DOS MORADORES FRENTE ÀS TRANSFORMAÇÕES NO CENTRO DE JACOBINA.....	66
2.6 A HISTÓRIA DO CENTRO DE JACOBINA: APENAS MEMÓRIA?.....	74
CONSIDERAÇÕES FINAIS	79
REFERÊNCIAS	81
APÊNDICES	83
ANEXOS	86

INTRODUÇÃO

As discussões sobre o espaço urbano no Brasil vêm ganhando destaque no âmbito acadêmico, especificamente na Geografia. Vários autores se debruçaram sobre a questão urbana, discutindo sobre o uso e ocupação do solo urbano, segregação espacial, ocupação e urbana desordenada. Há ainda discussões sobre novas centralidades urbanas, identidade urbana, diluição de identidade cultural no espaço urbano, uso e apropriações do espaço urbano, dentre outras.

A despeito das tantas transformações ocorridas nesses espaços, o geógrafo possui um olhar singular, porque consegue compreender de forma diferenciada os fatos e os condicionantes que permeiam o processo da metamorfose urbana contemporânea, que se firma principalmente após a tão difundida globalização, e que a cada instante, sofre mutação espaço-temporal, reintegra e redefine o espaço urbano. Na maioria dos estudos se discute sobre a produção do espaço urbano, o seu processo de expansão, a relação periferia/centro e os impactos ambientais relacionados a problemas na estruturação urbana. Existem também produções acadêmicas sobre a interferência dessas transformações urbanas nas culturas, tais como: identidade urbana; simbologia urbana; identidade de bairro, rua etc

A problemática a que se propõe discutir a presente pesquisa surgiu a partir de discussões sobre o espaço realizadas durante a graduação. O conhecimento sistematizado, construído no âmbito deste curso de graduação, especificamente no componente curricular Geografia Urbana, instigou-nos a investigar acerca dos referenciais urbanos em Jacobina-Bahia. Nesse sentido, o objetivo geral da pesquisa consiste em compreender a influência das transformações arquitetônicas no Centro de Jacobina na perda dos referenciais urbanos. Desdobrados nos seguintes objetivos: a) analisar a noção sobre os referenciais urbanos dos moradores; b) identificar as transformações nas formas arquitetônicas e as novas funções; c) explicar de que forma ocorre a perda dos referenciais no centro urbano de Jacobina.

A categoria geográfica de análise adotada foi o Espaço, tendo em vista as relações de produção que se estabelecem no mesmo, ressaltando as contradições existentes, a interação do homem com os objetos produzidos. Essa categoria no âmbito do seu processo de evolução da Geografia foi motivo de distintas discussões entre os pensadores e geógrafos, das quais foram moldadas de acordo às relações

desiguais do homem sobre o próprio espaço. O quadro teórico e conceitual da pesquisa foi construído com base nas referências dos autores: Azevedo (1993), Blume (2009), Carlos (1994 e 2001), Corrêa (2003), Farias (2008), Lefebvre (2001), Lemos (1995), Queiroz (2006), Santos (1988, 1992 e 2011), Souza (2005), Spósito (2001).

A pesquisa foi desenvolvida através da abordagem de estudo de caso das principais modificações arquitetônicas no Centro Urbano de Jacobina, Bahia. A investigação científica em tese foi do tipo explicativa, teve uma abordagem mista ou qualitativo-quantitativo, e o enfoque crítico-dialético. O objeto de pesquisa está localizado no município de Jacobina, especificamente no recorte do Centro urbano, que possui aproximadamente 3208 imóveis, segundo dados da Secretaria Municipal de Saúde- Jacobina (SMS). Nessa pesquisa foram adotados procedimentos, tais como: pesquisa bibliográfica, pesquisa de campo e pesquisa iconográfica, em que se utilizou de fotografias das igrejas e casarões do centro de Jacobina. Para coleta de dados foi utilizada observação simples, bem como entrevistas semiestruturadas. Para compilar e analisar algumas informações, foram construídos gráficos e figura.

O instrumento utilizado para a pesquisa de campo foi entrevista. Para tal, foram entrevistadas trinta e duas pessoas, homem ou mulher, a partir de dezoito anos, residentes na área de estudo. Primeiramente foi realizada a apresentação da pesquisadora, explicando para os moradores os objetivos da pesquisa e sua importância, os mesmos concordaram e se disponibilizaram a colaborar. Logo se seguiu assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido- TCLE, todos entenderam, não apresentando nenhuma resistência para assinar e colaborar com a pesquisa. As falas dos sujeitos, que revelaram muitas informações importantes para o trabalho. E a partir de três questões levantadas, dois gráficos e uma figura.

O presente trabalho está dividido em dois capítulos. O primeiro objetiva discutir o espaço em escala, bem como as características do espaço urbano. O mesmo está subdividido em quatro subtópicos, onde no primeiro se discutirá o conceito de espaço, abordando os diversos conceitos sobre a categoria geográfica. O segundo abordará o espaço urbano brasileiro, enfatizando as principais cidades com centros históricos e serviços turísticos. Já o terceiro discorrerá sobre as modificações no espaço urbano brasileiro: estrutura, processo, função e forma, e qual a função de cada elemento no espaço urbano. O seguinte traz uma discussão sobre o espaço urbano em Jacobina.

O capítulo dois objetiva relacionar a teoria com os dados da pesquisa de campo. É composto por seis subtópicos, dentre os quais o primeiro traz a localização e caracterização histórica do município de Jacobina, enfatizando o contexto do seu surgimento. O segundo subtópico discorre sobre o que são referenciais urbanos, utilizando além dos autores, fotografias e algumas falas dos sujeitos entrevistados. Já o terceiro, traz quais os monumentos históricos tombados da cidade de Jacobina, a partir do IPC e IPHAN, bem como informações do SIPAC, além de abordar as Leis que tratam dos Patrimônios históricos na Bahia. Por conseguinte, analisar-se-á alguns resultados a partir da produção de dois gráficos e uma figura. Posteriormente se discutirá a respeito da visão dos moradores frente às transformações no centro de Jacobina, fazendo análises a partir das questões levantadas nas entrevistas. No último subtópico fizemos uma discussão sobre a história do centro de Jacobina, encerrando os resultados dos dados coletados.

1 O ESPAÇO URBANO: COMPREENDENDO AS SUAS FACETAS

O espaço é o resultado da ação dos homens sobre o próprio espaço, intermediados pelos objetos, naturais e artificiais (SANTOS, 1998, p.71).

O espaço só existe pela recíproca relação do homem intermediado pelos objetos. Ele é mutável, e engendrado por um processo notável e dialético entre os objetos e os sujeitos, já que são eles que constroem estes objetos, os símbolos e os signos. Sendo assim, o mesmo não existe sem a sociedade, sendo componente essencial do mesmo.

É nesse contexto que este capítulo, tem como objetivo apresentar o conceito de espaço geográfico, sob a ótica de autores como Santos (1992 e 1998), Jesus (2011), Tuan (1993), Corrêa (2003). Bem como discorrer sobre o espaço urbano brasileiro e as suas principais características, à luz de autores como Souza (2011), Queiroz (2006), e também discutirá sobre as modificações nele, utilizando os conceitos de estrutura, processo, função e forma, à luz de Santos (1992).

Por conseguinte, se discutirá sobre o espaço urbano em Jacobina, utilizando Carlos (1994 e 2001). Este primeiro capítulo segue uma ordem em escala do conceito de espaço, parte do espaço geográfico, ao lócus do objeto de estudo do presente trabalho, a cidade de Jacobina- Bahia.

1.1 DISCUTINDO O CONCEITO DE ESPAÇO

A palavra espaço é utilizada não somente na ciência geográfica, mas é comumente usada por outras, tais como: a Astronomia, a Matemática, a Economia, a Psicologia, etc., atendendo é claro às finalidades de cada uma delas. Como lembra Santos (1988), pode-se usar de expressões do tipo: espaço escolar, espaço social, espaço econômico, espaço cultural, etc. Além disso, o termo também é abordado em escalas, uma vez que podemos empregá-lo para definir desde o âmbito global à um cômodo de uma casa, por exemplo.

Na ciência geográfica, o conceito de espaço é visto de forma distinta dentro das suas correntes do pensamento. Segundo Santos (1988), na Geografia tradicional, o termo é empregado no sentido de área. Já na Geografia teórico-quantitativa, a concepção de espaço é vista sob duas formas: a primeira como planície isotrópica, em que a homogeneidade seria o ponto de partida, e a segunda,

como representação matricial, em que o ponto de chegada se caracteriza pela diferenciação espacial. Na Geografia humanística ou cultural, aparece a concepção de espaço vivido, e Tuan (1983) acredita que o mesmo apresenta sentimentos de um grupo ou um povo a partir das suas experiências.

A concepção de espaço que nos interessa aqui é aquela defendida pela Geografia crítica, na qual este é interpretado como um lócus da reprodução das relações sociais de produção, ou seja, a produção da sociedade, à luz de autores como Milton Santos (1992), bem como também as ideias do filósofo e sociólogo francês Henri Lefebvre, que discute o espaço e as relações sociais, onde o modo de vida e as relações cotidianas assumem um caráter central Lefebvre (1974, *Apud* Jesus, 2011). Nesse sentido, apesar de os dois autores trazerem olhares um tanto distintos, estes não se contrapõem, senão enriquecem o presente trabalho, já que ambos utilizam a dialética. Sendo assim, na Geografia crítica a concepção do espaço é concebido pelas relações que se estabelecem no mesmo. Santos (1988) descreve o espaço como sendo um:

[...] conjunto de objetos e de relações que se realizam sobre estes objetos; não entre estes especificamente, mas para as quais eles servem de intermediários. Os objetos ajudam a concretizar uma série de relações. O espaço é o resultado da ação dos homens sobre o próprio espaço, intermediados pelos objetos, naturais e artificiais (SANTOS 1998, p.71).

Nesse conceito, o espaço não se apresenta apenas como conjunto de objetos e suas interações, mas, sobretudo, espaço social, dotado de ações humanas que o constitui e reelabora à medida em que a sociedade se transforma e conseqüentemente as suas técnicas também. Tal fato faz com que os objetos do espaço, inclusive a forma também, sejam modificados ao longo da história. Sobre essa mutabilidade do espaço, Santos (1992, p.10) afirma que “desse modo, os elementos do espaço devem ser considerados como variáveis. Isso significa que eles variam e mudam de valor segundo o movimento da História”. Nesse sentido, ocorrem transformações constantemente no espaço, já que ele se constitui através desses elementos.

O espaço não existe sem ação humana, porque os próprios objetos deste são produto da ação que o homem exerce sobre o meio. Nesse caso, os objetos referidos são os objetos construídos. É através destes que a sociedade materializa suas diversas manifestações: crenças, arte, ideologia, música, poesia etc. Enfim, a

cultura influencia na produção e reprodução do espaço, uma vez que cada ambiente possui as suas próprias características. Sendo assim, todo esse conjunto, constitui a natureza, porque o homem é parte dela. Apesar do espaço como produto social, Santos descreve:

Isso quer dizer que a essência do espaço é social. Nesse caso, o espaço não pode ser apenas formado pelas coisas, os objetos geográficos, naturais e artificiais, cujo conjunto nos dá a natureza. O espaço é tudo isso, mais a sociedade: cada fração da natureza abriga uma fração da sociedade atual (SANTOS, 1992, p.1).

O espaço urbano é um *lócus* dessa relação homem/objeto. Nele estão espacializados sob a forma urbana as concepções humanas, a sua ideologia, cultura etc. As formas das casas, prédios, pontes, praças, ou qualquer outro objeto que compõe o espaço urbano, nada mais é do que materialização do pensamento humano. E isso pode ser entendido nas projeções arquitetônicas, que são pensadas de acordo com um propósito preestabelecido. Para Santos (1992, p.6), “as infra-estruturas são o trabalho humano materializado e geografizado na forma de casas, plantações, caminhos, etc.” Isso demonstra que tudo o que vemos no espaço urbano, direta ou indiretamente, é materialização do que se pensa.

Pensar o espaço urbano é, sobretudo, entender os elementos que o constitui frente a um processo que molda as formas urbanas de acordo com a sua função. Função esta que se modifica de acordo com o tempo, frente a uma estrutura, já que o espaço urbano sofre constantemente um processo de mutabilidade, seja de ordem funcional, seja na sua morfologia. E estas transformações decorrem principalmente da forma como as cidades são organizadas. A sociedade e as relações econômicas estabelecem processos que, conseqüentemente, alteram as estruturas urbanas, e com isso as novas funções que as cidades vão ganhando alteram concomitantemente a sua forma, tornando o urbano uma metamorfose efêmera, conduzida pelo tempo e modificando as cidades, tornando-as parte da história. Sobre estas modificações, Santos afirma que:

Uma conseqüência é a mudança das condições da organização urbana e da vida urbana ela própria. Na medida em que a economia se altera profundamente, e na medida também em que os tipos de relações econômicas e de toda ordem mudam rapidamente outra coisa em relação ao que eram até então (SANTOS, 1992, p.46).

Dessa maneira, não podemos pensar no espaço urbano, tratando da sua configuração física, sem levar em conta que é modificado a todo instante, o que

permanece são formas passadas, mas que ganham novos sentidos e intervenções a cada nova função que se sobrepõem às mais diversas formas urbanas. A despeito dessas modificações que constantemente alteram as urbes, Santos (1992, p.2) diz que “[...] a forma, em sua qualidade de forma-conteúdo, está sendo permanentemente alterada e que o conteúdo ganha uma nova dimensão ao encaixar-se na forma”. Essa relação de conteúdo-forma-conteúdo, tem como produto, um espaço urbano complexo, reflexo social, cheio de contrários, mas que no final torna-o unidade, metamorfoseado e conduzido pelo tempo. Dessa maneira, a nossa análise sobre o mesmo deve ser integrada, ao passo que considera a influência de cada elemento espacial nesse todo, que é o espaço urbano.

Essa relação conteúdo/forma, ou vice-versa, nos faz compreender que são diretamente proporcionais, uma vez que um fator depende e altera o outro, já que a forma recebe o conteúdo, e este, por sua vez, se adapta a ela. Com isso, compreender onde começa essas mutações no espaço urbano, nos faz entender que não é possível prever como de fato o espaço urbano estará daqui por diante, o que se pode fazer é tentar compreender estas modificações a seu tempo, levando em consideração as transformações ocorridas no passado, relacionando-as com o presente. Porém, prever o futuro, seria antecipar a configuração de um espaço urbano que se redefine constantemente. Além do que, a sociedade, principal agente dessas modificações, é por si só dinâmica, o que torna o espaço urbano ainda mais complexo. Portanto, tentar descrever o mesmo, a partir de concepções futuristas, geralmente abordadas nos filmes de ficção científica, seria antes de tudo, preconceber o que de fato ainda não se conhece.

O que não podemos negar é claro, é que todo e qualquer espaço se modifica, e o espaço urbano deixa marcas dessas mudanças, que são impressas nas suas formas, e que o futuro se constrói, à medida que a sociedade redefine seus meios de relação, de produção e reprodução, modos de vida: social, cultural, econômica etc.

Esse é o espaço urbano, local de produção e reprodução social. Espaço esse, muito mais vivo do que se imagina, espaço onde o belo, pode também ser o feio, a depender do ponto de análise, que se revela a cada dia mais dinâmico, efêmero, cada vez mais permeado de heterogeneidade, reflexo social, complexo ou simples. Segundo Corrêa (2003), também morada do homem, ou melhor, dos homens.

1.2 O ESPAÇO URBANO BRASILEIRO

Há diversas maneiras de se estudar o espaço urbano, tendo em vista que a configuração de uma cidade é muito complexa em sua constituição, já que muitos elementos que a compõe são interligados, fazendo com que a urbe se modifique constantemente, sofrendo influência direta da sociedade, maior modificador deste. A tarefa de decifrá-lo torna-se um trabalho árduo e contínuo. Sobre a cidade, Souza (2011, p.24) diz que “[...] é um objeto muito complexo e, por isso mesmo, muito difícil de se definir”.

A primeira aglomeração humana a ser considerada cidade, segundo Souza (2011, p.42) foi Jericó, situada às margens do rio Jordão, na Palestina, cidade muito mencionada na Bíblia, especificamente no livro de Josué. Ela surgiu por volta de 8.000 anos a.C. O surgimento das cidades está ligado diretamente à necessidade que homem passou a ter de estabelecer relações fixas em determinado local, onde principalmente o alimento e a água fossem garantidos. Sobre este fato, Souza argumenta que:

As primeiras cidades fazem seu aparecimento na esteira da chamada Revolução Agrícola ou, também, “Revolução Neolítica”, por ter ocorrido no período pré-histórico conhecido como Idade da Pedra Polida ou período neolítico (neo: novo, lithikós: pedra) (SOUZA, 2011, p.43).

Nesse sentido, as cidades surgem a princípio, com a finalidade de atender às necessidades básicas de sobrevivência de uma maneira mais cômoda, uma vez que as pessoas não precisariam mais se deslocar de um lugar para outro, através do cultivo de alimentos, dando início à agricultura, além da criação de animais também. Dessa maneira as cidades foram se constituindo, e posteriormente modificando suas características.

A aglomeração de pessoas, nesses locais criou as cidades. Passando então uma nova maneira de viver, devido a convivência com outras pessoas. O surgimento da cidade traz consigo não mais a necessidade de nomadismo, uma vez que o homem se estabelece em um local e se sedentariza pelo acesso fácil ao alimento, a água e outras necessidades, que foram surgindo ao passo em que as técnicas se ampliaram, permitindo ao homem se fixar em um determinado local, sem precisar o deslocamento para outro.

Muitas cidades brasileiras têm em sua arquitetura características eurocêntricas, especificamente nos centros. Souza (2011, p.64), em um de seus estudos sobre o espaço urbano brasileiro, especificamente tratando da configuração das cidades, descreve que grande maioria das cidades possui, claramente, o seu “centro”, correspondendo na maioria das vezes, ao centro histórico (local onde a urbe foi fundada, e que abriga prédios de certo ou mesmo um grande valor histórico-arquitetônico). Essa configuração está presente em várias cidades brasileiras: Ouro Preto, Mariana e Tiradentes em MG; Paraty-RJ; São Luís- MA; Salvador- BA, dentre outras, que apesar de não serem conhecidas ou não terem serviços turísticos, conservam em sua forma urbana essa configuração, resquício em alguns casos, ainda do período colonial.

E todas essas influências nos centros das urbes brasileiras a partir modelos eurocêntricos, foram se perdendo com as transformações e reformas urbanas, especificamente nas grandes cidades. Porque estes centros urbanos históricos, por darem início às cidades, são locais centrais em que acabam se transformando em centros comerciais, fato que influencia nas modificações espaciais a fim de “modernizar” esses locais para determinados usos. Nesse contexto, as redes de comércio vão se apropriando desses espaços, por estes serem bem localizados. Com isso, sua configuração espacial vai sendo alterada, uma vez que o capital impõe os seus padrões. De acordo com Santos:

Há uma busca de uniformidade, ao serviço dos atores hegemônicos, mas o mundo se torna menos unido, tornando mais distante o sonho de uma cidadania verdadeiramente universal. Enquanto isso, o culto ao consumo é estimulado (SANTOS, 2011, p.19).

O poder público, por sua vez, acaba cedendo aos empresários estes locais, ou permite que sejam alterados, para esses fins, sem na maioria das vezes, apresentar uma preocupação pela preservação dos elementos que remetem à história de um povo. São estes elementos de representação espacial, que fazem com que as memórias e os referências urbanos sejam resguardados, permitindo aos sujeitos se reconhecerem na forma urbana, a representação material de um tempo eternizado no espaço em questão. O capital, portanto, exerce forte influência nesse processo, já que o consumo estimula diversas ações. Segundo Santos:

A competitividade, sugerida pela produção e pelo consumo, é a fonte de novos totalitarismos, mais facilmente aceitos graças à confusão dos espíritos que se instala. Tem as mesmas origens a produção, na base mesma da vida social, de uma violência estrutural, facilmente

visível nas formas de agir dos Estados, das empresas e dos indivíduos (SANTOS, 2001, p.37).

A influência do capital afeta diretamente estes centros urbanos. Quando estes centros históricos não são reconhecidos ou tombados, já que ao falarmos do tombamento de um patrimônio histórico, não estamos nos referindo a um processo harmonioso, torna-se ainda mais fácil modificar estes espaços, uma vez que não há nenhuma lei para que se façam fiscalizações sobre estas possíveis alterações, nesses casos específicos. Até mesmo nas principais cidades históricas do Brasil citadas anteriormente, corre-se o risco de perderem em sua forma, fatos históricos. O centro histórico da cidade de Salvador- Bahia, por exemplo, começa a se modificar com o surgimento dos serviços turísticos. Segundo Queiroz:

[...] o centro histórico, por aglutinar as funções urbanas mais importantes, bem como os principais monumentos e edifícios, também exerceu o papel de 'lócus' pioneiro na recepção dos fluxos de pessoas e capitais, ainda que esporádicos, gerados pela atividade turística nascente (QUEIROZ, 2006, p.77).

O primeiro marco de intervenção turística pelo Governo do Estado da Bahia se deu em 1966, com a criação do Departamento de Turismo, a Bahiatursa em 1968, e posteriormente a criação do Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia (IPAC), no ano de 1967, Queiroz (2006). Os serviços turísticos em Salvador passaram por diversas fases. Atualmente existem casarões no centro histórico de Salvador que são constantemente modificados, pichados, ou até abandonados, alguns acabam desmoronando, por não serem restaurados compromete a sua estrutura e em alguns casos, causa desabamentos¹. Devido a essa situação, tem surgido na Bahia também projetos de restauração e preservação desses centros históricos, como é o caso de Salvador, que tem projetos de se criar cartilhas para as escolas a fim de conscientizar a população, através da educação, começando pelas séries iniciais, possibilitando a criança criar uma consciência ética e política sobre a importância desses locais. Eles, por sua vez têm mudado a função, tendo em vista que estão sendo constantemente apropriados para fins puramente comerciais e turísticos.

¹ A prefeitura municipal resolveu tomar posse de alguns desses casarões que estão sem cuidado, para reformá-los e transformá-los em postos de saúde, escolas e moradias, essas são informações publicadas no Jornal Tribuna da Bahia, por Daniela Pereira em 31 de Janeiro de 2014.

Na maioria desses centros históricos nas cidades brasileiras, prevalece essa mercantilização da história, graças à sua materialização nessas estruturas urbanas. As formas contêm, e ao mesmo tempo não contêm a história de um povo, a depender do contexto e do ponto de análise. Sobre essa dualidade da forma-conteúdo, Lefebvre (2001) explica que:

Através da razão dialética, os conteúdos superam a forma e a forma dá acesso aos conteúdos. A forma leva assim uma dupla existência. Ela é e não é. Só tem realidade nos conteúdos e no entanto separa-se deles. Tem uma existência mental e uma existência social (LEFEBVRE, 2001, p.87).

Essa existência mental, a que se refere Lefebvre, é o que projetamos no nosso mundo, enquanto indivíduos únicos, a nossa maneira de ver as coisas, por isso mesmo, cada pessoa concebe o seu mundo a partir da sua ideologia e cultura, isso fundamenta o olhar que se lança sobre o espaço vivido, percebido e sentido, através das ações e relações que se estabelecem e se firmam no espaço urbano. Já a existência social, é a concepção criada para um grupo, comunidade, em síntese, à sociedade, para um bem comum. Nesse sentido, as formas urbanas têm significação a partir do conteúdo para um determinado povo. Este conteúdo pode vir a não existir para um indivíduo que pela primeira vez se depara com a forma, nesse caso, a forma não contém a mesma significação.

Mas é certo que, segundo Lefebvre (2001, p.88) “cada forma se apresenta em sua dupla existência, mental e social”. Eis aí a constituição do espaço urbano, sem a qual não seria possível de se interpretar as tantas facetas desse complexo que é a urbe, por ser engendradora das mais diversas aspirações humanas, das elaborações contínuas da cidade, pautadas naquilo que move a sociedade: as necessidades, que a cada dia aumentam e se reinventam com a finalidade de atender às suas expectativas contemporâneas, simultâneas, efêmeras cada vez mais, tendo como produto presente, este espaço urbano, que no futuro, podemos supor que já não será mais o mesmo.

Eis o espaço urbano brasileiro, ele se constrói constantemente, de maneira veemente, frente a um sistema de ações da sociedade, pautadas cada vez mais nos modelos econômicos que “gerenciam” o mundo. Modelos estes que têm dirigido as ações que se estabelecem no espaço urbano. A tão falada “globalização”² influencia e evidencia-se cada vez mais na constituição das urbes brasileiras. Quando

²Termo discutido por Santos (2001).

entendemos que na maioria das cidades, aqui no Brasil, que possuem centros históricos tombados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) ou não, têm uma grande influência para os serviços turísticos, como é o caso de cidades já citadas anteriormente, principalmente Paraty- RJ, Salvador- BA, Ouro Preto-MG, dentre outras, isso modifica a cultura local, o comércio etc. Tal fato faz com que a maioria desses centros ofereça serviços que atendam aos gostos dos visitantes, especialmente os estrangeiros. Com isso, é bem comum nesses locais, funcionarem em antigos casarios: bares, cafés, restaurantes, lojas de artesanato etc., que já não só apresentam elementos locais, sejam as bebidas, comidas etc., mas que a cada dia incorporam elementos de outros países, a fim de atrair os visitantes. Ou seja, estes centros históricos, além de serem grandes atrativos culturais, e grandes guardadores da história da constituição e construção do nosso país, mediante as marcas impressas nas formas que ainda se mantém nesses locais, ganham a cada dia, influência externa, para fins também lucrativos.

Pensar o espaço urbano brasileiro, sob essa ótica das urbes, que guardam em seus centros, patrimônios históricos de ordem arquitetônica, pautados ainda nos modelos eurocêntricos, trazendo em suas construções marcas do período da colônia, na forma que se encontram atualmente, é entender que a função desses locais tornou-se praticamente de ordem turística, não generalizando claro. Enfim, o que se tem em todas estas cidades em seus centros históricos, sejam elas grandes, de médio ou pequeno porte, são locais que ao longo do tempo passaram por processos de modificações, e que hoje, abrigam, em seus centros, estabelecimentos comerciais, ou como foi explicitado acima, como é o caso de algumas cidades brasileiras, tornaram-se grandes atrativos turísticos.

As novas funções desses centros têm seus pontos positivos e negativos, desvelando em cada localidade, as possíveis mazelas, desconfortos, problemas urbanos, como violência, prostituição, dentre outros fatores que podem ter relação direta com a nova dinâmica que a cada dia modifica estes centros. Sobre estas questões, que envolvem a relação forma/conteúdo, Lefebvre diz que:

Desse modo, a forma permite designar o conteúdo, ou antes, os conteúdos. Na sua emergência, o movimento faz aparecer um movimento oculto, o movimento dialético (conflitante) do conteúdo e da forma urbana: a problemática (LEFEBVRE, 2001, p.91).

É claro que não podemos afirmar que estes fatores citados, não aconteceram ou irão acontecer em todas as cidades. Isso vai depender da configuração de cada uma, do tamanho dela, e do tipo de serviço que oferece. Não podemos afirmar, por exemplo, que vai existir o mesmo índice de violência urbana num centro de uma cidade pequena como ocorre numa cidade grande. O fato é que, além desses problemas citados acima, e outros que passam a existir é claro, cada cidade, especialmente as que possuem estes centros históricos, através das apropriações privadas, alteram o modo da vida urbana, já que estes locais passam de antigos centros residenciais a centros comerciais, e tal fato faz com que se criem territórios distintos, ou seja, durante o dia estes locais são ocupados por visitantes, comerciantes, transeuntes que vão para seus trabalhos, colégios, repartições, por vezes ali mesmo, no próprio centro. O fato é que à noite estes locais podem dar espaço ao uso de entorpecentes, prostituição, violência etc., formando outras territorialidades. Todos estes aspectos afetam os referenciais urbanos destes centros históricos: novos personagens, novas situações, novos usos e apropriações, novas ações no cotidiano desses locais surgem, afetando a dinâmica espacial. A vida urbana, os signos, os símbolos de um grupo, as memórias, a história apreendida ali mesmo, nas construções, alterando o modo de vida da sociedade que fez e faz parte desses locais.

Resta saber, o que se terá como produto de toda esta metamorfose espaço-temporal nesses centros históricos das urbes nacionais. Será que estamos modernizando os nossos centros a ponto de deixar as formas vazias daquilo que constitui a história de um povo, tendo em vista que cada vez mais elementos globais invadem estes espaços, modificam e incorporam novas ações? Elementos estes, que originalmente não estavam presentes nesses locais, trazendo assim, novas formas de se enxergar os centros. Ou todas estas modificações apenas encaminham os novos direcionamentos da história da sociedade, uma vez que, são incorporados novos elementos nesses locais? Sobre estes tantos questionamentos a despeito das urbes, Lefebvre diz que:

A forma na qual esta problemática se inscreve levanta certas questões que fazem parte dela. Diante de quem e para quem é que se estabelece a simultaneidade, a reunião dos conteúdos da vida urbana? (LEFEBVRE, 2001, p.91).

Fazer essa análise, não é tarefa simples, todavia, não nos interessa nesse momento respostas imediatas, senão, uma breve contextualização dos centros históricos das urbes brasileiras, e logo após, nos dedicaremos a explicar a perda dos referências urbanos no centro urbano de Jacobina- BA. O que faremos, é tentar explicar esse fenômeno, uma vez que se obteve um diagnóstico sobre essas dinâmicas espaciais. Segundo Lefebvre (2011), o fenômeno urbano manifesta-se atualmente a sua enormidade, dito desconcertante para a reflexão teórica, para a ação prática e mesmo para a imaginação. Então, o que teremos serão reflexões que se transformarão em análise imediata, já que como afirma Lefebvre, a “enormidade” do fenômeno do urbano. Enfim, a compreensão que teremos dos centros históricos urbanos e da vida urbana, primeiro será nossa, e ao mesmo tempo fará parte de um coletivo, sem o qual a urbe não existe.

Portanto, pensar o espaço urbano brasileiro contemporâneo sob a ótica dos centros históricos, é entender que as análises feitas no momento presente, amanhã já não darão conta da efemeridade que reinventa e compõe o espaço urbano. E afirmações sobre o este espaço no futuro, seriam no mínimo concepções prematuras, visto que a análise que nos propomos a fazer será sobre o que já foi o centro urbano e como este se constitui hoje. Porém, não nos impede de conjeturar o que será, ou como se reorganizará o espaço urbano brasileiro. Isso quer dizer que a nossa imaginação já traça ideias futuras de como se constituiria esse espaço, pois somos todos os dias invadidos por isso, pelo próprio espaço, através do cotidiano, sentimos, ouvimos, vivenciamos, e são estas ações que instigam o nosso pensar. O que não nos compete aqui é deixar a imaginação criar uma verdade não existente, algo apenas no nosso imaginário, mesmo sendo este dotado não só do senso comum, mas de um saber pautado em análise de pessoas que há muito tempo fazem análise do espaço urbano.

1.3 AS MODIFICAÇÕES NO ESPAÇO URBANO: ESTRUTURA, PROCESSO, FUNÇÃO E FORMA

Para compreendermos as tantas modificações recorrentes no espaço urbano, é necessário analisar como este se organiza, tendo em vista a produção e reprodução dele, que é fruto das ações que a sociedade faz sobre este. Nesse sentido, para se interpretar as inúmeras ações realizadas no espaço urbano, faz-se

necessário compreender as relações dialéticas que se estabelecem no mesmo. Sobre a organização espacial, Santos (1992, p.50), argumenta que “a compreensão da organização espacial, bem como de sua evolução, só se torna possível mediante a acurada interpretação do processo dialético entre formas, estrutura e funções através do tempo.” O tempo, segundo Santos (1992), é o próprio processo, elemento indispensável nessa análise.

O que não se pode, claro, é fazer uma análise espacial sem levar em consideração cada um desses elementos, uma vez que, quer sejam visíveis ou não, quer consigamos identificá-los no processo de (re) produção do espaço urbano, ou não, estes sempre estiveram e estarão presentes, caso contrário, a nossa análise, tornar-se-ia empírica, se desconsiderássemos, por exemplo, a função, como elemento importante em junção com a forma. E ao fazer qualquer análise sobre o espaço urbano, devemos entender que toda e qualquer modificação nas urbes, é produto das alterações provenientes da sociedade, além das relações econômicas que se estabelecem nelas, como afirma Santos:

Na medida em que a economia se altera profundamente, assim como a sociedade correspondente, e na medida também em que os tipos de relações econômicas e de toda ordem mudam substancialmente, as cidades se tornam rapidamente *outra coisa* em relação as que eram até então (SANTOS,1992, p.46).

Através disso, podemos entender que toda e qualquer ação sobre os objetos do espaço, parte das ações da sociedade com estes. E assim transformam o mesmo, mediante, a estrutura, os processos, as funções e as formas. Para Santos (1992), a estrutura, trata-se da nação como um todo, nesse sentido, alguns territórios que são menos integrados politicamente, economicamente, ou por possuírem precários meios de transporte ou meios de comunicação eficazes, são alcançados com defasagens pelas determinações da estrutura global. Assim, o que entendemos é que, estrutura, pode ser considerada a base para as relações e ações que se estabelecem no espaço, e conseqüentemente nos espaços urbanos.

Nesse sentido, toda e qualquer análise do espaço, deve partir dos conceitos já citados anteriormente: estrutura, processo, função e forma. É a partir da análise e compreensão desses conceitos, que entenderemos como acontece de fato a produção do espaço, uma vez que, todos esses elementos, mais a sociedade é que fazem surgir e ressurgir a configuração das urbes, especialmente os centros históricos das urbes brasileiras, tendo em vista que em cada um desses locais, é

fruto das relações dialéticas sociedade/ espaço, função/forma etc. São através destes que se constitui o urbano. Sobre essa questão, Santos diz que:

[..] para estudar o espaço, cumpre aprender sua relação com a sociedade, pois é esta que dita a compreensão dos efeitos dos processos (tempo e mudança) e especifica as noções de forma, função e estrutura, elementos fundamentais para a nossa compreensão da produção de espaço (SANTOS,1992, p.49).

Sempre que a sociedade sofre algum tipo de modificação, conseqüentemente as urbes sofrerão também alterações nas formas, também denominadas pelo autor de objetos geográficos, sendo eles velhos ou novos, assumindo, nesse sentido, novas funções, e a totalidade de toda essa mutação gera assim, uma nova organização espacial, Santos (1992). Então se faz imprescindível compreender a relação direta dos elementos aqui enfatizados, sobre a organização espacial.

Para compreendermos os fenômenos que atualmente acometem os centros históricos das urbes brasileiras citadas anteriormente, principalmente quanto ao valor atribuído às formas, que no caso dessas cidades, e da cidade do nosso estudo, Jacobina- BA tem um grande valor histórico. Nesse caso, segundo Santos (1992) é preciso entender que todo esse valor atribuído é produto do modo de funcionamento da estrutura social, e que todo e em qualquer tempo, isso ocorreu e ocorrerá.

A relação sociedade/espaço é dialética, assim, não há como compreendê-la sem o último, tendo em vista que o mesmo é resultado da produção realizada pela primeira. E assim, ambos se complementam, à medida que o campo de atuação da sociedade é o espaço, e o mesmo, se tornaria obsoleto, sem a presença e principalmente as ações da mesma. Assim, fica claro que analisar o espaço urbano, não é uma tarefa fácil, e ainda mais, uma análise precisa, não superficial, só é possível, quando, enquanto pesquisadores considerarmos que o mesmo deve ser estudado de maneira holística, ao mesmo tempo em que conseguimos entender cada componente dele, e o seu papel na constituição da produção do espaço. Santos, diz que:

A sociedade só pode ser definida através do espaço, já que o espaço é o resultado da produção, uma decorrência de sua história- mais precisamente, da história dos processos produtivos impostos ao espaço pela sociedade (SANTOS, 1992 p.49).

Como já foi dito anteriormente, as tantas ações recorrentes nos centros históricos, afetam principalmente as formas, já que estas materializam as aspirações

da sociedade, e são modificadas constantemente para atender às novas funções. Entretanto, isso não quer dizer que estas formas existentes sejam totalmente adaptadas ao novo, e esta análise pode ser feita observando os centros das nossas urbes brasileiras, porque às vezes, essas inovações podem ser encaradas como oposição ao que já existe, por isso mesmo, quando analisamos o espaço urbano, entendemos que as relações neste são dialéticas. Nesse sentido, para Santos, é a estrutura imposta (inovações) que:

[...] mantém uma tão grande oposição relativamente às formas existentes, que estas nunca se acham inteiramente integradas ao novo; este e o velho operam lado a lado, embora não sejam duas entidades separadas e autônomas (SANTOS, 1992, p.50).

Tratamos dos vários elementos que compõem o espaço urbano, tendo em vista a sua relevância para a produção espacial, entretanto, não fizemos a sua conceituação, senão a de *estrutura*, que segundo Santos (1992), trata-se da própria nação, onde implica na inter-relação de todas as partes de um todo. Nesse sentido, conceituaremos os outros elementos, para desse modo compreendermos melhor o papel de cada um dele na (re) produção do espaço. Nesse sentido a *forma*, segundo Santos

É o aspecto visível de uma coisa. Refere-se, ademais, ao arranjo ordenado de objetos, a um padrão. Tomada isoladamente, temos uma mera descrição de fenômenos ou isoladamente, ou de um de seus aspectos num dado instante do tempo (1992, p.50).

Já a função, Santos (1992), caracteriza-se pela tarefa ou atividade esperada de uma forma, pessoa, instituição ou coisa. E por fim, o *processo*, apresenta-se por uma ação contínua que implicará em um resultado qualquer, mantendo conceitos de tempo e mudança.

A forma, de acordo ao que compreendemos, é mesmo um objeto criado para representar algo da sociedade em determinado período, assim, ela, no momento presente, já não exibe a mesma função, tendo em vista que a estrutura se modifica ao passo em que o processo conduz as ações para as outras instâncias, entretanto, mesmo que se ignore o passado materializado na forma, ele continuará impresso nela, representando ainda, a história de um determinado período da sociedade, e que não pode ser extinto.

Para Santos (1992), as formas surgem de certos contornos finalidades-funções. Assim, negar o passado destas é negligenciar as memórias da sociedade

que a constituiu. E não nos cabe também, analisar as formas, sem compreender a influência da estrutura, uma vez que sem a última, somos conduzidos, segundo Santos (1992) a uma falsa análise, uma vez que, é a sociedade que a elabora. E nesse sentido, o papel do processo, é agir sobre os conteúdos do espaço, tendo em vista que o tempo conduz as ações sobre o mesmo num processo contínuo. De acordo com Santos (1992, p.51), “a dimensão do histórico, quando variados fatores têm uma maior ou menor duração ou efeito sobre a área considerada, proporciona uma compreensão evolutiva da organização espacial”.

É preciso compreender de fato, como cada elemento se comporta no processo de produção do espaço, porque fazer uma análise utilizando apenas um ou dois desses elementos, não nos proporciona uma visão total dessa produção. Somente a partir de uma visão holística, sendo inadmissível negligenciar qualquer uma das partes, já que estas constituem um todo, caso contrário, a nossa análise sobre a produção do espaço urbano, e conseqüentemente os centros urbanos históricos, seria totalmente fragmentadas, ou compartimentalizadas, não sendo suficiente para entender o complexo que a cada dia compõe as cidades. Como diz Santos (1992, p.52), “em outras palavras, forma, função, processo e estrutura devem ser estudados concomitantemente e vistos na maneira como interagem para criar e moldar o espaço através do tempo.” Nesse sentido, uma análise holística e que contemple cada um desses elementos como parte do processo de (re) produção espacial, seria sem sombra de dúvida, a mais viável, quando se quer realmente compreender o espaço urbano em sua gama de possibilidades e em sua mutabilidade e efemeridade.

As categorias até agora mencionadas são inseparáveis, ou seja, uma está diretamente ligada à outra, portanto, para que cada ação no espaço aconteça, é necessário essa lógica. Segundo Santos (1992, p.53), “se nos for permitida uma analogia gramatical, podemos pretender que a estrutura seja vista como o *sujeito*, a função como o *verbo* (ação através do processo) e a forma como o complemento (objeto do verbo)”. Para compreendermos a organização espacial, e para explicar a estrutura desta, são necessários, visto que, é o homem/sociedade que organiza o espaço, e esta produção social do espaço, só pode ser entendida com base dos elementos que a norteiam. E estas categorias são de fundamental relevância nesse sentido.

Todas estas estruturas de que tanto falamos, enfatizando sobre a sua importância para a compreensão do processo de (re) produção espacial, são por si só mutáveis. Porém, com as suas modificações particulares, não quer dizer que percam seu valor, ao contrário, incorporam novos elementos à produção do espaço. Segundo Santos (1992), tais estruturas:

[...] como a própria totalidade, não são congeladas; pelo contrário, elas mudam com o tempo. Sua evolução é qualitativa e quantitativamente diferente para cada uma delas e também para cada um dos seus componentes. Trata-se de uma evolução diacrônica onde cada variável ou elemento passa por uma mudança de valor relativo em cada mutação (SANTOS, p.58).

Portanto, se os próprios elementos do espaço e a sua totalidade são mutáveis, negligenciar a influência de um destes na produção do mesmo, seria no mínimo um equívoco. Para Santos (1992), a sociedade por si só, se modifica a cada instante, afetando conseqüentemente o espaço onde atua. O espaço no urbano é produto mais que visível da relação entre: estrutura, processo, função e forma, já que nas urbes, é possível identificar cada objeto geográfico, fruto do trabalho humano, e mais ainda nos centros históricos, onde se revelam muitas formas, e as muitas histórias que ainda não se conhece.

1.4 O ESPAÇO URBANO EM JACOBINA

Eis o espaço urbano, onde a vida se configura cada vez mais veloz, traz em si, relações que a cada dia se estabelecem de maneira simplesmente peculiar. As praças, as ruas, as construções, as pessoas, os transeuntes, parecem fazer parte de uma descontinuidade que se dispersa na vida urbana. Não é preciso olhar muito para entender a estreita relação do sujeito com os signos urbanos, com os cafés, as boutiques, os bares, as lanchonetes, os bancos das praças, o parquinho infantil, as conversas entre amigos enquanto contemplam as crianças andarem com seus skates, bicicletas, ou mesmo a efervescência durante o dia do comércio, as disputas para estacionar seu carro, os pedintes nas calçadas, os sons, os cheiros, o calor ou frio, a brisa ou não. Tudo isso e muito mais configuram esse espaço, localizado bem ali, no sertão nordestino, entre serras íngremes, bem no talvegue, no vale, onde dois rios se encontram. Esse é o espaço urbano de Jacobina.

O que move a cidade, o que a faz existir, o que a configura, a transforma, compõe, são as relações que se estabelecem na mesma. É difícil pensar o espaço

urbano sem os agentes que a todo instante a constitui, que vivem e fazem da morada, do trabalho, da rua, ou do bairro, espaços constantes de ações dotadas de sentidos próprios intrínsecos. Desde o acordar, ir à padaria, comprar o pão, o leite, ir para o trabalho, pegar condução ou não, voltar para casa, comer, sair, comprar, dormir. Todas as ações que o homem realiza no e sobre o espaço, configura essa vida urbana. Seria terminantemente superficial analisar o espaço urbano -a urbe- sob uma ótica simplesmente funcional, uma vez que, casas, prédios, escolas, carros, comércios, praças, igrejas, hospitais, espaços de cultura, nada mais é do que produto da ação humana, e só de fato fazem exercem suas funcionalidades graças aos seres que os utilizam.

A cidade abriga mais do que concreto, vias de fluxos ou pontes. Ela, sobretudo, tem vida, e diversas vidas, sem as quais a cidade não seria possível. É difícil olhar os bancos das praças vazios e ver sentido neles, bem como não é possível pensar em escolas sem crianças. Na cidade o homem constrói sua vida, sua história, afetividade, memórias, apegos, porque a ela fornece para este mais do que a moradia, ou o estudo, trabalho, ela oferece o lazer, a fé, a crença, o ócio, que pode ser preenchido a maneira de cada um, individualmente. Segundo Carlos:

Isso nos faz analisar a cidade para além do homem premido por necessidades vitais (comer, beber, vestir, ter um teto para morar), esmagado por preocupações imediatas. A cidade é um modo de viver, pensar, mas também sentir. O modo de vida urbano produz ideias, comportamentos, valores, conhecimentos, formas de lazer e também uma cultura (CARLOS, 1994, p.26).

Entende-se, portanto, que a cidade traz a cada pessoa um modo de viver baseado em aspectos do cotidiano que ao longo do tempo constrói uma memória, coletiva ou individual. O fato é que viver na cidade, permite aos sujeitos construir a sua própria história, caracterizada pelo ambiente em que desenvolvem os seus laços afetivos, com as pessoas e espaço da cidade. Jacobina revela-se para os seus moradores mais do que a cidade do “ouro”, como é comumente conhecida para os que nela não habita. É nela que se os seus moradores se reconhecem. A forma da cidade também diz muito sobre a mesma, e em Jacobina não é diferente, a urbe tem as suas características próprias, distintas de cidades circunvizinhas. Características essas que a faz única. De acordo com Carlos (2001,p.350) “a cidade que se vislumbra por suas formas, como construção humana, diz respeito à história da humanidade, associada à ‘longa’ duração”.

Essa longa duração extrapola os limites concretos da cidade (casas, edifícios, casarios), ela prevalece na memória humana, uma vez, se porventura desaparece o objeto construído da rua, bairro, etc. não necessariamente deixará de existir, visto que para muitas pessoas, permanecerá no campo subjetivo, mental, e nesse caso os sujeitos que não viram o objeto não manterão essa memória porque o mesmo não fez parte de seu cotidiano. Entretanto, o fato de os objetos não mais existir em determinado local, não determina que estes sujeitos não conheçam o objeto por ouvir falar ou por ver registros, sejam eles em fotografias, livros etc. A cidade, segundo Carlos (2001, p.348) é “[...] obra humana, feita para durar, produto do tempo acumulado, entra em contradição com a cidade que se faz para e pela troca, reorientando a prática socioespacial”.

Essa característica da cidade, produto de acumulação de tempo, em contraposição que esse nova configuração, nos instigou a discutir neste trabalho, de que maneira esse processo ocorre na cidade de Jacobina, uma que vez que a mesma possui em seu centro, mas precisamente, elementos que ainda preservam a cultura e a história de um povo, o que nos provoca algumas reflexões acerca dos referenciais urbanos do centro de da cidade e os sujeitos que vivem em seu entorno frente às transformações arquitetônicas nos últimos anos. Jacobina é uma cidade que ainda preserva em seu centro urbano alguns casarios com características europeias, bem como as suas igrejas. O município foi criado em 1722, ou seja, século XVIII.

A estrutura urbana do centro da cidade releva novas facetas, tendo em vista o processo de transformações das últimas décadas, especificamente da última. Estas modificações, nos mostra através dos objetos a maneira como a urbe vai tomando outras formas, tendo em vista que o capital atua sobre. Nesse sentido, a especulação imobiliária, o comércio e outros serviços, influenciaram e influenciam muito nas transformações que vem ocorrendo no centro ao logo do tempo. Espaço e tempo, nesse sentido, tornando-se elementos indissociáveis quando se observa essas mutabilidades no centro urbano da cidade de Jacobina. Estes, em consonância nos revelam os caminhos que a cidade e conseqüente o centro vai tomando. De acordo com Carlos (2001,p.348), “[...] o espaço em constante mutação e o tempo acelerado produzem nova dinâmica”. Essa dinâmica, por sua vez, pode ser percebida de várias maneiras, a depender do olhar e da vivência de cada indivíduo nesse espaço.

2 OS REFERENCIAIS URBANOS NO CENTRO DE JACOBINA

[...] os habitantes parecem perderem na cidade suas próprias referências. A imagem de uma grande cidade hoje é tão mutante que se assemelha à de um grande guindaste [...] (CARLOS, 1994, p.19).

O que nos move nesta análise sobre o centro de Jacobina diz respeito não só às características enquanto objetos construídos, isso inclui os casarios e as igrejas, senão, a relação destes com os sujeitos que com estes convivem. Essa vivência das pessoas com o espaço urbano, nos ajuda a compreender a importância dos referenciais urbanos e se estes de fato são percebidos ou não. E ao explorar este recorte da urbe de Jacobina, pretende-se abordar sobre a perda desses possíveis referenciais urbanos.

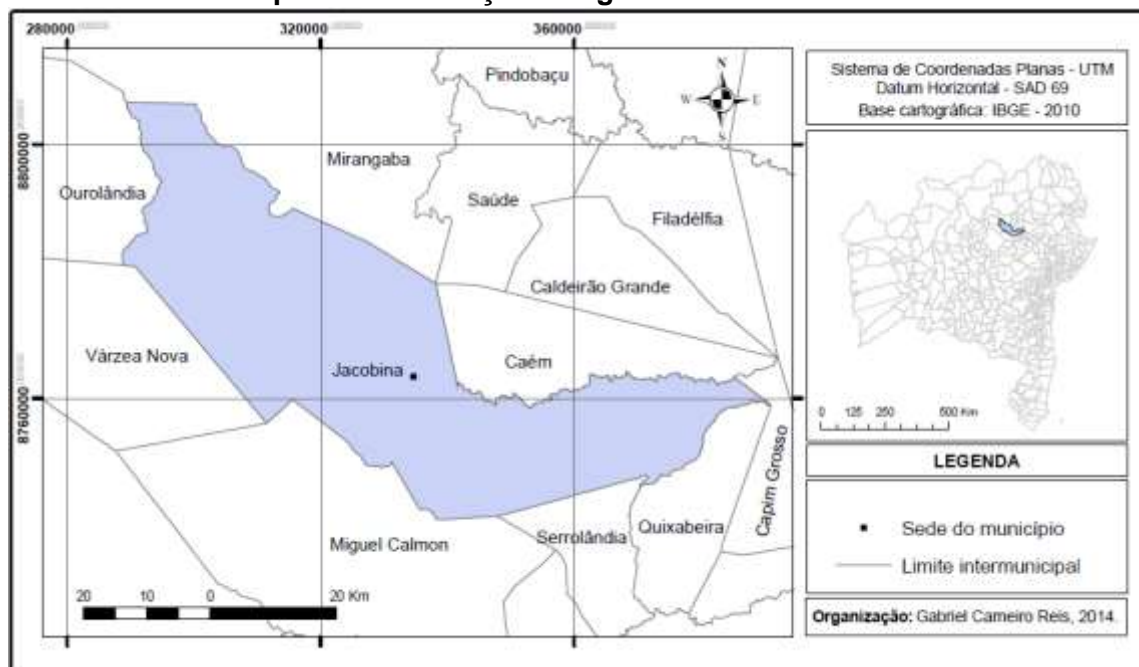
Para tanto, inicialmente apresentaremos um breve histórico sobre o surgimento da cidade de Jacobina- Bahia, fundamentado nas discussões e escritos de Brandão e Cardoso (1993), Farias (2008), Lemos (1995), Menezes e Oliveira (2009) e Oliveira e Sampaio (2006). Em seguida, se discutirá sobre o conceito de referenciais urbanos, a partir de Gomes (2011), Carlos (2001), bem como se fará uma análise a partir das entrevistas realizadas com os moradores do centro de Jacobina, trazendo uma discussão acerca do que são referenciais.

Posteriormente, no terceiro subtítulo, apresentaremos os patrimônios históricos tombados na cidade de Jacobina- BA, a partir do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), principal órgão de instância nacional, responsável pelo tombamento de patrimônios materiais e imateriais, bem como informações Inventário de Proteção do Acervo Cultural da Bahia do Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural do Estado da Bahia- IPAC (1997), do Sistema de Informações do Patrimônio Cultural da Bahia-SIPAC, além da Lei de Nº 8.895 de 16 de Dezembro de 2003 e a Lei Nº 8.899 de 18 de Dezembro de 2003 acerca de tombamentos no Estado da Bahia.

Em sequência, se discutirá sobre a visão dos moradores frente às transformações no centro de Jacobina, pautadas nas falas dos sujeitos, bem como a utilização de imagens da pesquisa iconográfica e gráficos construídos através dos resultados da pesquisa de campo. Além de discutir se a história da cidade através dos referenciais urbanos ainda existentes.

2.1 LOCALIZAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO HISTÓRICA DO MUNICÍPIO DE JACOBINA

Mapa – 1 Localização Geográfica de Jacobina- BA



De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística- IBGE (2010), a cidade de Jacobina, Bahia é margeada pelos rios Itapicuru Mirim e Rio do Ouro. O município de Jacobina está localizado na mesorregião Centro Norte Baiano, e na microrregião de Jacobina. A cidade dista 320 km de Salvador, capital do estado. O seu clima é oficialmente o semiárido, com predominância do bioma Caatinga. O município baiano encontra-se a $-11^{\circ}18'$ de latitude Sul e $-40^{\circ}51'$ de longitude Oeste. Possui uma área de 2.359 km^2 , e uma população de 79.274 habitantes³. Tem a sua economia baseada na agropecuária, indústria e serviços.

A cidade de Jacobina surge no contexto em que uma das principais atividades econômicas era a criação de gado, a partir do século XVI. De acordo com Lemos (2005), esta atividade se intensifica a partir do século XVII, em que o gado passa do recôncavo a adentrar o interior, e conseqüentemente o sertão baiano. A criação de gado penetrou a região do São Francisco e espalhou-se na direção norte-sul do grande rio. Algumas dessas entradas de gado transpuseram o Rio Itapicuru, enfrentando os índios que ali habitavam, que deixaram as suas marcas nos

³ Censo do IBGE 2010.

topônimos que assinalam muitos dos acidentes geográficos. De acordo com Lemos, “quando as boiadas faziam as suas paradas à beira dos rios, fincavam-se os, ‘currais’, iniciando-se as fazendas que deram origem a muitas das atuais cidades (LEMOS, 1995, p.19)”. Assim foram surgindo as cidades do interior do estado.

O início do ciclo da pecuária se deu no século XVII. Essa atividade se desenvolveu tanto nos séculos XVII e XVIII, que segundo (LEMOS, 1995), o historiador Capistrano de Abreu chamou de “Idade do Couro no Brasil”. A Casa da Torre espalhou o seu criatório pelas terras compreendidas entre os rios Jacuípe, Real, Pojuca, Itapicuru até o médio São Francisco, enchendo assim de “currais” as terras entre Jacobina e Senhor do Bonfim. Havia uma disputa entre a Casa da Torre e outra família com espírito aventureiro, a Casa da Ponte, que foi resolvida através de um acordo amigável na divisão nas terras de Jacobina e do Nordeste. Sobre o surgimento da cidade de Jacobina a partir dos “currais” e posteriormente a exploração aurífera, Farias argumenta que:

As produções discursivas que instituem histórias focalizaram Jacobina inicialmente associada inicialmente à criações de currais de gado, no final do século XVI e, posteriormente, à exploração do ouro na segunda metade do século XVII, ‘quando foi descoberto na Serra de Jacobina, constituindo-se em um novo estímulo para o povoamento do nordeste da Bahia’. A literatura sobre a História da Bahia focaliza quase sempre o desenvolvimento de Jacobina a partir do ouro, intensificando o povoamento que já ocorria com a criação dos currais de gado. A atividade mineradora e as redes de interesses construídas fizeram que a então vila de Jacobina ficasse conhecida na Bahia e pelas autoridades portuguesas (FARIAS, 2008, p.41).

Dessa maneira, a cidade de Jacobina passou a ter um valor nacional a partir da exploração do ouro datada na segunda metade do século XVII. De acordo com Azevedo (1993), a descoberta do ouro nos últimos anos do século XVII no interior do país, fez surgir um novo ciclo econômico e foi este um fator imprescindível na ocupação do seu interior. “Da Cordilheira do Espinhaço, que corre paralelo ao Atlântico, do centro de Minas Gerais até o norte da Bahia, brotava a riqueza mineral do país (AZEVEDO, 1993, p.13)”. Nesse contexto se inicia um longo processo de exploração mineral, mais precisamente aurífera, falando especificamente de Jacobina, que dá início ao surgimento de diversas cidades no interior baiano. “Jacobina e sua região, o Piemonte da Diamantina, originam-se dessa civilização da mineração. Foi aí, na verdade, que primeiro se encontrou o ouro na Bahia”

(AZEVEDO, 1993, p.14). A grande quantidade de ouro encontrada no Piemonte da Diamantina se deve à sua formação geológica. Segundo Azevedo:

Na Chapada Diamantina, os rios escavam seus vales profundos nas formações areníticas- quartizíticas da cobertura, atingindo camadas subjacentes menos resistentes, como os calcários da formação Bambuí e gnaisses e micaxistos pré-cambrianos. E através destas gargantas que se tem acesso ao planalto a partir do litoral. Revolvendo o cascalho do leito destes rios encachoeirados, garimpeiros extraíram no século XVIII, muitas arrobas de ouro e, no século seguinte, grandes quantidades de diamantes e carbonatos nas nascentes do Paraguaçu. Jacobina formou-se a partir de sua localização em uma daquelas gargantas (AZEVEDO, 1993, p.14).

Logo iniciaram a exploração aurífera, e o ouro de aluvião corria facilmente. As serras e os leitos dos rios foram revolidos. De acordo com Lemos (1995), aglomerou-se em Jacobina numeroso contingente humano vindo de lugares distantes. Um pequeno povoado ia surgindo às margens do Itapicuru Mirim, reunindo uma população bastante diversa. Assim, a exploração do ouro prosseguia em escala crescente e fora do controle oficial. Segundo Lemos (1995), no ano de 1702 ou 1705 a exploração foi proibida pelo governo de D. Rodrigo da Costa. Com isso, por provisão do Conselho Ultramarino de 13 de maio de 1726, o Governo da Metrópole ordenou, que, o Governador da Província da Bahia criasse duas Casas de Fundição, sendo uma em Jacobina e a outra no Rio de Contas.

A exploração do ouro em Jacobina deu seguimento no século XVIII, segundo Jesus (2005, *apud* Farias 2008, p.41), quando surge a Companhia das Minas de Jacobina, que através do seu representante Eduardo Dias Moraes conseguiu permissão para explorar ouro e outros minerais em Jacobina, através do Decreto Imperial 9242 de 17 de maio de 1884 e adquiriu o direito de explorar as serras. Pouco tempo depois a empresa fechou. De acordo com Jesus (2005, *apud* Farias 2008, p.41) as atividades de mineração foram retomadas em 1930, por um comerciante, que perdeu judicialmente o direito de explorar em 1940, voltando as terras a pertencerem a Companhia de Minas. Em 1947 é sucedida pela Mineração de Ouro de Jacobina Ltda, e em 1950 foi vendida à empresa canadense Mineração Northfeld Ltda, que permaneceu até 1960. Não há informações que apresentem os motivos do fechamento da empresa canadense. Logo depois, na década de 70 uma empresa chamada UNIGEO realizou estudos e começou a explorar o ouro, e subsequentemente, na década de 80 veio a Mineração Morro Velho. Toda essa

exploração aurífera trouxe a construção de uma cidade alavancada pela exploração desse mineral. Para Farias:

[...] pode-se pensar que quase sempre as cidades são instituídas como signo do progresso e do crescimento e a prática do trabalho como meio para alcançar o tão sonhado desenvolvimento. Nessa lógica, mineração, trabalho e poder municipal conduziram Jacobina para a riqueza que podia ser traduzida no aquecimento do comércio, na geração de emprego e renda, no desenvolvimento urbano, através da construção de praças, ruas, conjuntos habitacionais [...] (FARIAS, 2008, p.71).

Outro aspecto importantíssimo do surgimento da cidade de Jacobina está atrelado aos índios Payayás. Segundo Lemos (1995), eles têm uma grande importância na formação histórica, social e econômica da Bahia. Eles pertenciam ao tronco dos Cariri, e estavam espalhados por toda a Chapada Diamantina e Piemonte. Lemos:

Muitas expedições que, partindo do litoral ou da Cidade de Cachoeira se dirigiram ao interior baiano abrindo caminhos pelo sertão, tiveram a participação desses indígenas que conduziam os aventureiros por aquelas paragens desconhecidas (LEMOS, 1995, p.28).

De acordo com documentos do Arquivo Público e Museu do Estado da Bahia, esses indígenas tinham características de semi-nômades, uma vez que chegaram a realizar incursões na área do recôncavo baiano (LEMOS, 1995). Foi considerada uma nação forte e numerosa, que resistiu por mais de três séculos as investidas dos colonizadores:

“O Payayá também coisa muito fina acompanhado os índios habitante daqui, que era Jacó e Bina, era ali na Missão, era a morada deles, dos Índio, e por isso é que foi nomeado e botado o Payayá, porque era descendente de índios. E a riqueza daqui é imensa, de ouro (risos)” (MORADOR 32, em 14/04/2014).

Aproximadamente em 1886 os Payayás são dados oficialmente como extintos, o que deve ter acelerado o processo de extermínio dos mesmos foram as transferências para aldeias distantes, prática bem comum dos colonizadores. Eles eram tirados do seu ambiente natural para serem dominados em regiões desconhecidas, e também para que ficassem isolados. Outro aspecto que contribuiu para o extermínio dos indígenas foi que os portugueses promoviam conflitos jogando

índios contra índios. Em grande parte os indígenas foram vítimas do processo colonizador, Carlos (1958, *apud* Lemos, 2008, p.28).

A então Vila de Santo Antônio da Jacobina. Em 24 de Junho de 1722 foi instalada e integrada pelas Freguesias de Santo Antônio de Pambu e Santo Antônio do Urubu, ficando igualmente criado o município. Já em 05 de Junho de 1724, por ordem do Sr. Pedro Gonçalves Cordeiro, Desembargador de Sua Majestade, foi lavrado o auto da reinstalação da Vila de Santo Antônio da Jacobina, que se estendia por trezentas léguas em terras da Casa da Ponte dos Guedes de Brito, abrangendo o Rio de Contas, Monte Alto (atual Palmas de Monte Alto), Cachoeira, indo até os limites com o Estado de Sergipe, incluindo a cachoeira de Paulo Afonso, (LEMOS, 1995).

No ano de 1837 pela Lei Provincial nº 049 de 15 de março, o Município foi acrescido com as terras de Mundo Novo, atribuindo-se a José Carlos da Mota o primeiro contato com elas. Já em 28 de Julho de 1880, a Vila de Santo Antônio de Jacobina foi elevada à categoria de Cidade com o nome de Agrícola Cidade de Santo Antônio de Jacobina. A sua instalação ocorreu em 11 de Janeiro de 1893, no governo de Joaquim Manoel Rodrigues Lima. Nesse período a população, além da policultura de subsistência dedicava-se também ao plantio de algodão. Por isso a justificativa do nome Agrícola Cidade de Santo Antônio de Jacobina, nome com que fora emancipada politicamente, (LEMOS, 1995).

A cidade de Jacobina, já no século XIX, segundo Blume (2009), através da chegada da Ferrovia Leste Brasileiro, que adentrou a cidade em 1920, provocou mudanças não só na paisagem, mas também nos modos de vida e cultura urbana. As transformações também implicaram na disputa sobre o moderno e a modernidade da cidade. Com isso, “construiu-se uma memória em torno da ferrovia como um mito transformador da conjuntura econômica local e dos hábitos cotidianos considerados ‘atrasados’, porque típicos de uma população sertaneja (BLUME, 2009, p.15). Jacobina, apesar de ter um histórico pautado no século XIX, não se constituiu uma grande cidade. A cidade teve como já foi dito, sua gênese com a criação dos “currais”, em consonância com a policultura e produção de algodão, bem como a exploração aurífera. Para Blume, é necessário que os pesquisadores:

[...] debrucem-se sobre as dimensões da vida urbana em cidades que não configuram o ideário das grandes metrópoles urbanas, onde

ainda há uma presença significativa de uma população que mantém modos de vida e trabalho da vida no campo. Assim, é preciso desconstruir as memórias que dominam o imaginário urbanístico, apontando para uma dicotomia entre campo X cidade, representações do mundo X mundo rural (BLUME, 2009, p.19).

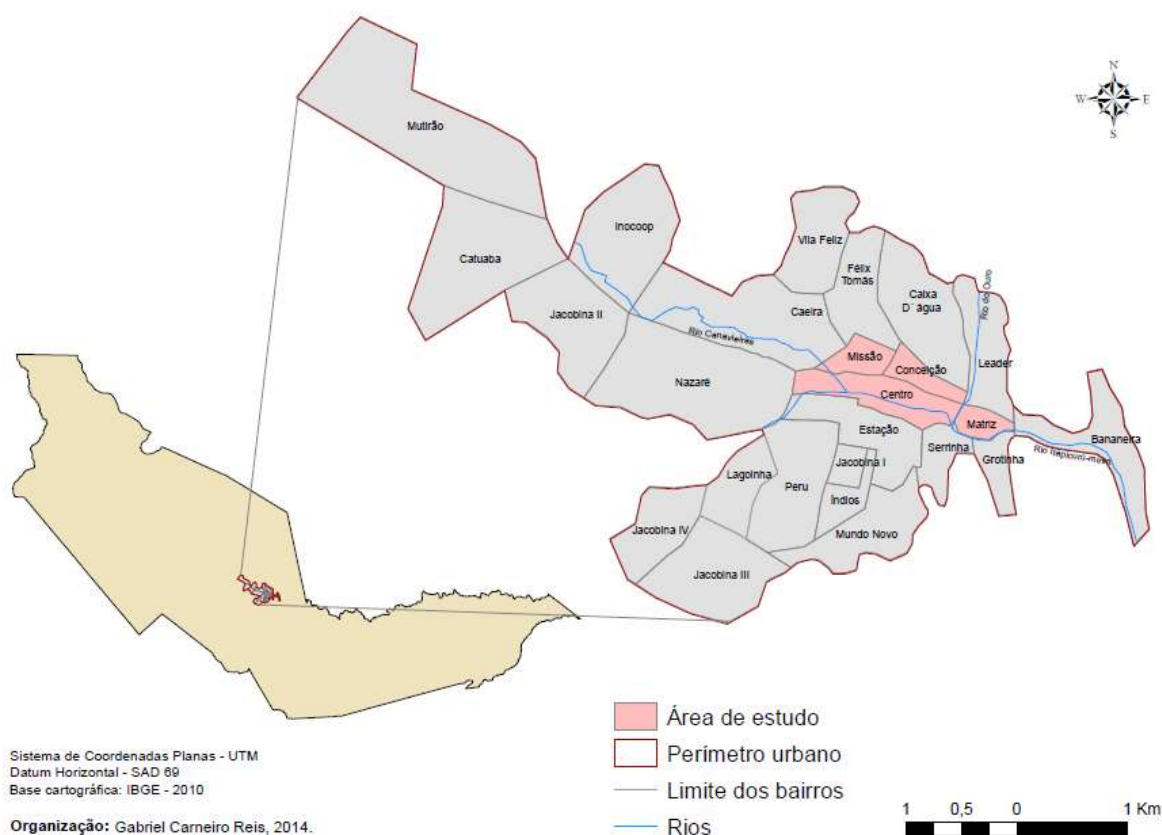
É necessário, nesse sentido, considerar os elementos peculiares da cidade de Jacobina, situada no sertão baiano. Além da influência da Ferrovia nas características da cidade, segundo Blume (2009), outro marco das transformações urbanas em Jacobina foi a formação da Cia. De Força e Luz, que foi inaugurada em 15 de Agosto de 1928. Outro elemento citado na vontade de modernizar a cidade trata das proibições na década de 30 da circulação de animais soltos nas ruas. Ainda na década de 20, Jacobina era a terceira maior cidade do Estado da Bahia.

Outro marco na cidade foi a construção da BR 324 nos anos 50, fato que fez com que aos poucos a Ferrovia perdesse o seu prestígio, sendo demolida na década de 80 pelo então prefeito Carlito Pires Daltro. Dessa maneira, demonstramos como surgiu a cidade de Jacobina, elencando os fatores que contribuíram para o surgimento da mesma. Apresentamos a cidade na qual se encontra o nosso objeto de estudo, a fim de contextualização do mesmo.

2.2 O QUE SÃO REFERENCIAS URBANOS

O mapa 2 demonstra o objeto de estudo da presente pesquisa. Não existe uma divisão oficial dos bairros de Jacobina, dessa forma, fizemos um recorte para a área de estudo contendo o antigo centro de Jacobina, onde se encontram os referenciais, englobando os bairros: Conceição, Missão, Centro e Matriz.

Mapa- 2 Área de estudo: centro urbano



De acordo com Lynch (1999, *apud* GOMES, 2011, p.2) os marcos são pontos de referência considerados externos ao observador; são apenas elementos físicos cuja sua escala pode ser bastante variável. Sendo assim:

Uma vez que o uso de marcos implica a escolha de um elemento dentre um conjunto de possibilidades, a principal característica física dessa classe é a singularidade, algum aspecto que seja único ou memorável no contexto. Os marcos tornam mais fáceis de identificar e mais passíveis de ser escolhidos por sua importância quando possuem uma forma clara, isto é, se contrastam com seu plano de fundo e se existe alguma proeminência em termos de sua localização espacial. O contraste entre figura e plano de fundo parece ser o fator principal (LYNCH, 1999, *apud* GOMES, 2011, p.2).

A forma urbana, nesse sentido, pode se tornar um referencial para uma pessoa. Os referenciais, também chamado pelo autor de *marcos referenciais*, podem se apresentar em várias escalas, seja apenas um monumento, uma rua, bairro etc. Del Rio (1990, *apud* GOMES, 2011, p. 3), classifica os marcos referenciais em duas categorias principais: a primeira é a que se utiliza de elementos preponderantemente sequencias, (como a rua, por exemplo), já a segunda seria a que se utiliza de elementos espaciais (edificações e marcos). Sendo assim, esses

referenciais exercem um grande significado ao sujeito. Segundo Oba (1999 *apud* GOMES, 2011, p.3):

[...] grande parte da população vê nos Marcos uma referência física, cultural, histórica ou psicológica relevante para a construção do seu espaço existencial. É sobre esse conjunto de elementos demarcadores que a totalidade da cidade se referencia e estabelece uma estrutura compreensível e significativa. Os Marcos Referenciais Urbanos são produtos sociais e culturais vinculados ao processo de construção da cidade e da sua identidade. São produzidos ou podem surgir espontaneamente como materializações dos anseios e necessidades sociais.

Estes referenciais urbanos, portanto, são inerentes às relações estabelecidas no espaço urbano em um determinado período, e conseqüentemente também se mantêm como referenciais para a sociedade durante um determinado tempo, podendo assim, ser modificado de acordo aos anseios que porventura surgirem. Os marcos referenciais, deste modo, podem demonstrar a história da sociedade, ou de um povo em determinado período, bem como apenas a um indivíduo. Para Gomes (2011, p. 3) “caminhar por uma cidade sem marcos referenciais seria como se a paisagem fosse uma contínua repetição do mesmo lugar”. O que se faz pensar, portanto, que os marcos referenciais são muito importantes para a vida na cidade. Sobre a orientação no espaço, Lynch (1999, *apud* GOMES 2011, p. 3) diz que:

[...] a desorientação e a ilegibilidade no ambiente urbano pode provocar ao indivíduo, ansiedade e até terror, já que a noção de sua localização espacial estaria relacionada com o seu equilíbrio e o bem estar pessoal. A própria expressão “estar perdido” significaria mais do que uma “incerteza geográfica”.

Os referenciais urbanos da cidade, servem como aporte ao modo de vida urbano, a essa maneira peculiar de habitar na cidade. Os marcos contam as características da mesma, e podem guardar aspectos dos primórdios desta. Em outros aspectos, os referenciais urbanos tornam-se também pontos turísticos em determinadas cidades, nos centros históricos urbanos. Cada cidade, portanto, apresenta seus marcos referenciais próprios, que as fazem únicas.

As cidades não são iguais. Diferenciam-se umas das outras por suas características físicas e culturais. Cada morador identifica sua cidade através de um repertório pessoal. São elementos e características ambientais, eixos, pontos focais, texturas, silhuetas, áreas de concentração ou de dispersão além de inúmeros detalhes menores. Alguns desses indícios físicos se destacam e tornam-se mais evidentes para grande parte da população e, com isso, consagram-se pela tradição como Marcos Referenciais Urbanos. Os Cartões Postais apontam para os locais, ou elementos urbanos facilmente

identificados e localizados pelos moradores: os seus “pontos notáveis” (GOMES, 2011, p.3).

A cidade de Jacobina também possui os seus marcos referencias urbanos. Percebe-se nas formas de casarios no centro, bem como nas igrejas, que guardam a história e memórias de seus moradores. Os marcos são visuais, embora tenham uma significância para além da existência física. Segundo Gomes (2011, p.4), “essas referências não são apenas visuais para fins de orientação, mas pontos aglutinadores comuns entre a população e que contribuem para a identificação espacial de sua comunidade”. Dessa maneira, para algumas pessoas esses referenciais são de extrema importância. Observar a rua, a praça, pode ter muita significância:

“Eu gosto de ver as praças, com pessoas conversando. Gosto de olhar os casarões que estão se infelizmente se desmanchando”. em 13/11/2013

Essa fala retrata que quando o morador utiliza “infelizmente”, entende-se que os referenciais que visualiza nas praças e casarões estão, para ele se perdendo. Eis a relevância dos marcos na apreensão de certas características urbanas. Um simples olhar sobre esses referenciais são capazes de remeter à diversas sensações e apreensões.

Foto 1 - Praça Castro Alves



Fonte: Rosilane Gomes, pesquisa de campo 2014.

Os referenciais urbanos estão por toda parte. Eles compõe os espaços das cidades, a vida, o cotidiano dos sujeitos. Fazem parte também do lazer, da prática

de aproveitar os espaços das mesmas, ainda que nem todos lhes sejam acessíveis. As praças, por exemplo, revelam uma característica de encontro, de distração:

“Alguns são positivos, porque ficou preservado, porque é um ambiente familiar, de lazer, enquanto os pais conversam, as crianças brincam na praça” (MORADOR 8, em 13/11/2013).

Esses marcos representam em si um marco, tanto para as pessoas que a visitam, para os vendedores ambulantes, donos de bares, cafés, lanchonetes etc. Os marcos vão sendo cada vez mais modificados. Utilizamos no capítulo anterior Santos (1992), para elucidar os conceitos quanto à forma, função, processo e estrutura. Os marcos que constituem também elementos visíveis, vão ao longo do tempo sendo alterados. Para Gomes (2011):

Com o crescimento das cidades, os antigos marcos referenciais estão sendo sufocados, correndo o risco de desaparecer ou serem desvalorizados. Na nova realidade urbana são necessárias dimensões maiores para que eles sejam percebidos, fazendo das torres comerciais e residenciais as novas “catedrais”, porém, com conteúdo diferente (p.4).

Temos nas formas ainda permanentes novos conteúdos, novos sentidos às construções, novas funções que vão sendo incorporadas de acordo às novas formas da vida urbana, e as perspectivas e aspirações dos sujeitos. Não é difícil contemplar essas modificações, principalmente para aqueles que convivem, ainda que não constantemente no centro urbano de Jacobina. A significância de cada referencial urbano terá um valor próprio a cada pessoa e ao mesmo tempo coletivo, já que se cria uma imagem comum de um espaço onde se frequenta ou dos marcos que se observa, considerando-se a subjetividade e vida de cada indivíduo.

O casarão da Foto 2, situado à Praça Castro Alves, é ocupada por um *café*, um consultório odontológico e um escritório de advocacia. E na parte superior, é a residência do proprietário. É um dos casarões mais bonitos e chama muito a atenção das pessoas, que residem em Jacobina, bem como os visitantes, por ainda manter sua fachada bastante preservada.

Foto 2- Casarão na Praça Castro Alves



Fonte: Rosilane Gomes, pesquisa de campo 2014.

Esses novos usos e transformações arquitetônicas refletem outros aspectos do centro urbano. Ele também se torna um espaço comercial, em que grande maioria dessas construções deixou de ser residências para abrigar outras instâncias. Na foto 2 e 3 observamos os casarios com a forma preservada, entretanto visualiza-se elementos comerciais, as placas nas fachadas demonstram isso. Ouvimos os moradores através das entrevistas e perguntou-se se os novos usos dos casarios seria um ponto positivo ou negativo:

Fala do morador do centro de Jacobina, entrevista realizada em 13/11/2013 “Esses usos são positivos, porque não ficam parados. Não acho que seja positivo ou negativo, mas é uma necessidade para manter esses prédios vivos” (MORADOR 7, em 13/11/2013).

Na Praça Castro Alves observa-se que ainda existem casarios com uma estrutura preservada, o que permite a utilização para atividades comerciais. Por isso o morador, em sua fala disse que esses novos usos, ao seu ver mantém esses prédios “vivos”. Porque, em sua maioria deixaram de ser residências, mas estão ocupados por outras atividades.

Foto 3- Casarão também na Praça Castro Alves



Fonte: Rosilane Gomes, pesquisa de campo 2014.

Existe, também, na Praça Castro Alves um casario e com a estrutura comprometida. É um casario também muito antigo, em que na parte inferior funciona um bar. A parte superior encontra-se sem uso, e em condições ruins. Fica localizado em umas das esquinas da Praça:

“Mudou, hoje mudou, porque aquela casa ali era boa e hoje tá caída. Entendeu? Aquela ali também, ali era de um médico, ele morreu, aí a família... e hoje está muito deteriorada.” (MORADOR 5, em 07/11/2013)

O casarão que o morador diz ter estar caído, era um hotel que hoje está deteriorado é este que é ocupado por bar, ao lado tem um casario, atualmente de cor cinza e azul ocupado por um ponto de serviço de transporte alternativo e uma gráfica. Não é difícil observar as marcas do tempo nessas construções, a menos que estes sejam restaurados e pintados, a fim de mantê-los em condições apropriadas de usos. De fato o casario apresenta em sua estrutura fragilidades facilmente verificadas, tanto na fachada, na parte superior, quanto na lateral e na parte de trás, pode-se observar nas imagens a seguir.

Foto 4- Casarão em condições ruins na Praça Castro Alves



Fonte: Rosilane Gomes, pesquisa de campo 2014.

Foto 5- Parte lateral do casarão



Fonte: Rosilane Gomes, pesquisa de campo 2014.

Foto 6- Parte de trás do casarão



Fonte: Rosilane Gomes, pesquisa de campo 2014.

As fotografias acima demonstram as depredações do casarão, que poderia estar em melhores condições de preservação. Fato que mexe nem só com a imaginação dos indivíduos que convivem nesses espaços, como a própria ideia de dissolução de um marco referencial histórico, levando-se em consideração a relevância deste para as pessoas. De acordo com Gomes (2011), em um passado ainda recente, as cidades tinham uma estrutura baseada em seus símbolos e nos marcos referenciais. Todavia, com a nova ordem promovida pelo modo de produção capitalista, introduziu novas tipologias de edifícios urbanos, para atender às necessidades e práticas urbanas inéditas. Esse processo ocorreu e ocorre no centro urbano de Jacobina, principalmente nos casarões antigos:

Foram destruídos e colocados novos edifícios nos lugares, deixando de existir aquela memória de um passado que só nos deixou lembranças e saudade (MORADOR 7, em 13.11.2013)

Percebe-se que as transformações ocorridas nas formas urbanas, causaram aos moradores que conviveram com essas construções históricas a perda de um marco referencial. Dessa maneira, através do depoimento identificou-se que continua a existir em sua memória. Os referenciais estão por toda parte, por vezes entre construções modernas, porém, basta observar atentamente, que lá estão eles.

No centro de Jacobina, os casarões e as igrejas são grandes marcos. De acordo com Oba (1988, *apud* GOMES 2011, p.4):

[...] assim como estruturam fisicamente o espaço, estes marcos estruturam a vida das pessoas. Representam vestígios completos de diferentes momentos de seu passado e servem de ponto de apoio para a continuidade de suas vidas. O fato de se contemplar um marco referencial e isso lhe proporcionar algum sentimento particular é prova de que existe aí algo além de uma simples construção urbana.

Ao andar pelas ruas, frequentar uma praça no centro, as pessoas deparam com os marcos referenciais, que de acordo com os processos vão se transformando, deixando cada vez mais novas impressões e aspectos no centro urbano de Jacobina. Eis os marcos que resistem embora o capital tenha se tornado um grande mentor das transformações destes. Embora sejam poucos, ainda conseguem transmitir aos indivíduos algum significado.

Foto 7- Pessoas transitando em frente a um casarão na Praça Rio Branco



Fonte: Rosilane Gomes, pesquisa de campo 2014.

Foto 8- Frente do casarão na Praça Rio Branco



Fonte: Rosilane Gomes, pesquisa de campo 2014

As imagens demonstram um casario antigo, que está fechado, e em frente a ele, vendedores ambulantes vendem seus produtos. Observa-se que as janelas e portas estão lacradas, as janelas por blocos, a fim de impedir que pessoas invadam. Com a saída do morador que residia nela, pode-se supor que posteriormente este casario dará lugar a uma nova edificação, por possuir um grande valor imobiliário, já que localiza-se no centro, Praça Rio Branco. Sobre essa apropriação do capital Carlos (1994, p.14) diz que “as relações coisificadas ocorrem através da mediação do dinheiro. A cidade continua crescendo, atraindo pessoas, aspirando trabalho, separando indivíduo, gerando conflitos (latentes ou não), criando preconceitos”. E nesse sentido, os centros urbanos vão ganhando cada vez mais novos elementos, novas formas e funções nessas construções históricas.

O comércio é o principal modificador das formas urbanas no centro de Jacobina, ele cada vez mais ocupa as edificações, ainda que não alterem plenamente as formas destes, dão uma nova função aos antigas construções. É através do modo de produção capitalista que cada vez mais novas ideologias vão adentrando o espaço urbano, dotando desta maneira, o antigo centro de novos significados, por vezes sutilmente ou diretamente. As praças, a rua, as igrejas, sofrem influências ainda que de forma bem lenta. O fato é que não há como negar

que todas essas transformações no centro urbano derivam de uma nova ordem de organização das coisas. De acordo com Gomes (2011):

As relações capitalistas de produção, distribuição e consumo determinaram um modo peculiar de ocupação do espaço urbano subvertendo a antiga “ordem” das cidades. Isso contribuiu para “descaracterizar” muitos marcos referenciais do passado (GOMES, 2011, p.6).

Essa nova “ordem” das cidades faz com que as elas tenham um padrão homogeneizado, se perdendo, dessa maneira as suas principais características históricas, para atender aos modos de produção capitalistas, cada vez mais constantes no espaço urbano, não restando, na maioria das vezes, muitos desses marcos históricos. Dessa maneira, o centro histórico urbano, cada vez mais é permeado de novas ideologias impressas nas novas formas de compor o espaço e a vida nos centros urbanos das urbes. Identificá-los daqui para frente, torna-se uma tarefa não tão simples, já que cada vez mais novas motivações moverão outras maneiras de construir o espaço urbano.

Foto 9- Antigas construções na Rua Manoel Novais



Fonte: Rosilane Gomes, pesquisa de campo 2014.

As velhas construções misturam-se às novas edificações, tornando o centro urbano de Jacobina cada vez mais transformado em que enxergar os marcos referenciais históricos torna-se um exercício, onde, nem todos os sujeitos poderão

dar conta, uma vez que ao deparar com estes, para eles pode não haver nenhuma significância. Ao mesmo tempo em que para outros, os poucos marcos referenciais que restam, são de suma significância e continuam a representar a história de um povo, tendo o em vista a convivência com estes referenciais. Mais do que formas arquitetônicas, os marcos históricos, são representações sociais e culturais, podendo despertar a fé, a exemplo das igrejas, por exemplo, a fé de um povo, assegurada através de suas formas materiais, em que o sagrado se mostra na cruz, na torre, nos sinos. Eis o centro urbano, passado presente e futuro em suas marcas, construídas e reconstruídas, engendradas de ideologias e aspirações humanas. Para Gomes (2011, p.6) “a visibilidade dos marcos referenciais nas grandes cidades hoje em dia não é mais tão nítida. Se no passado os marcos referenciais eram nítidos e óbvios, hoje temos que descobri-los”. Essa visibilidade tem importância para os sujeitos. De acordo com o *Morador 3*, quando questionado sobre como imagina o centro de Jacobina no futuro disse que:

“Eu acho que vai estar mais mudado né? Porque, à medida que vai ocorrendo as transformações, vai tudo se modificando, e as pessoas querem investir hoje no que é moderno, na arquitetura moderna, não lembrando que muitas vezes, é... as fachadas desses casarões contam a história da cidade.” (MORADOR 3, em 03/11/2013)

Pensar o centro urbano de Jacobina, antes de tudo é compreender, dessa forma, as relações que os indivíduos estabeleceram ao longo de suas vidas e relações vivenciadas no mesmo. E isso em um espaço de tempo, singular de cada indivíduo. Morar numa praça, ou próximo a ela, observar igreja, os casarões enquanto retorna do trabalho ou da escola, ou mesmo frequentar as igrejas e as praças, dão aos sujeitos possibilidades de apreensões desses marcos referenciais construídos em memória individual ou mesmo coletivos, valendo-se, portanto, das atribuições vivenciadas no centro urbano. Nesse sentido, segundo Gomes (2011):

É preciso considerar também que, como estruturas excepcionais em relação ao entorno, os marcos referenciais podem ser avaliados tanto na escala da cidade, de um bairro ou de uma vizinhança. Neste sentido pode existir marcos referenciais pessoais, de pequenos grupos e aqueles apropriados pela maioria da população (GOMES, p.6)

Os marcos referenciais, portanto, são produto das aspirações humanas e permanecem durante um período, representando dessa maneira, as ideologias de uma determinada época, podendo persistir por muito ou pouco tempo. O que vai

determinar a sua permanência, portanto, serão as intenções e desejos dos indivíduos através das ações no centro urbano. Os desejos, junto com o capital movem de maneira veloz as transformações nesses centros históricos urbanos. E esse movimento faz com que espaço e tempo dialoguem de maneira que a cidade se reinvente, atingindo também as memórias ainda expressas em forma de construções. Isso implica em marcos referenciais extintos, alterados e preservados. E o valor histórico e cultural de cada um deles cabe aos sujeitos que com estes conviveram e convivem. Conceber um referencial urbano, portanto, mais do que formas humanas, é também compreender a sua simbologia e significância para um determinado povo, em um determinado tempo, que pode ser efêmero ou não, a depender de cada caso em particular.

Alguns desses referenciais urbanos do centro de Jacobina são tombados.

2.3 DOS REFERENCIAIS URBANOS: OS MONUMENTOS HISTÓRICOS TOMBADOS

Existem no Brasil alguns órgãos de regulamentação de patrimônios materiais e imateriais. Em nível nacional, temos o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), já em nível estadual, temos o Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia (IPAC)⁴. Através destes, dispomos informações de todos os bens tombados no Brasil e nos dois últimos casos IPAC, na Bahia, bem como, temos a Lei de Nº 8.895 e a Lei Nº 8.899 de 2003.

A Lei Nº 8.895 de 16 de Dezembro de 2003, no capítulo I, artigo 1º diz que o “Estado da Bahia protegerá o patrimônio cultural existente em seu território, por meio dos seguintes institutos”: I) Tombamento; II) Inventário para Preservação; III) Espaço Preservado; IV) Registro Especial do Patrimônio Imaterial.

De acordo com a Lei, “O Patrimônio cultural, para fins de preservação, é constituído pelos bens culturais cuja proteção seja de interesse público, pelo seu reconhecimento social no conjunto das tradições passadas e contemporâneas do Estado”. Já a Lei Nº 8.899 de 18 de Dezembro de 2003, sancionada e decretada pelo então Governador do Estado da Bahia, trás no I capítulo, nos artigos 1º e 2º o seguinte:

Fica instituído, no âmbito da administração Pública Estadual, o Registro dos Mestres dos Saberes e Fazeres da Cultura Tradicional

⁴ Também encontramos o site do Sistema de Informações do Patrimônio Cultural da Bahia (SIPAC).

Popular, a ser feito em livro próprio, a cargo do Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural – IPAC, autarquia da estrutura da Secretaria da Cultura e Turismo do Estado da Bahia- STC, artigo primeiro.

No que tange ao artigo 2º, é expressado o seguinte:

Será considerado, para os fins desta Lei, como Mestre dos Saberes e Fazeres da Cultura Tradicional Popular do Estado da Bahia e, para tanto, Tesouro Vivo, apto, na forma prevista nesta Lei, a ser inscrito junto ao Registro dos Mestres dos Saberes e Fazeres, a pessoa natural que tenha os conhecimentos ou as técnicas necessárias para a produção e preservação da cultura tradicional popular de determinada comunidade estabelecida no Estado da Bahia.” Artigo segundo.

O capítulo III desta Lei trata do Registro no Livro dos Mestres dos Saberes e Fazeres. Trazendo do Artigo 6º o seguinte: “São partes legítimas para provocar a instauração do processo de registro no Livro dos Mestres dos Saberes e Fazeres”: I) a Secretaria da Cultura e Turismo e as demais secretarias estaduais; II) o Conselho Estadual de Cultura- CEC; III) a Fundação Cultural do Estado da Bahia- FUNCEB; IV) o Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural- IPAC; V) os municípios do Estado da Bahia; VI) as entidades sem fins lucrativos, sediadas no Estado da Bahia, que estejam constituídas a pelo menos 1 (um) ano nos termos da lei civil e que incluam entre as suas finalidades a proteção ao patrimônio cultural ou artístico estadual.

As Leis Estaduais definem o papel do Estado quanto aos patrimônios culturais imateriais e materiais, bem como a função de outros órgãos criados especificamente para atender a estas questões. A partir destas conhece-se qual o papel de cada órgão, bem como os procedimentos necessários quanto o tratamento dos patrimônios no Estado da Bahia.

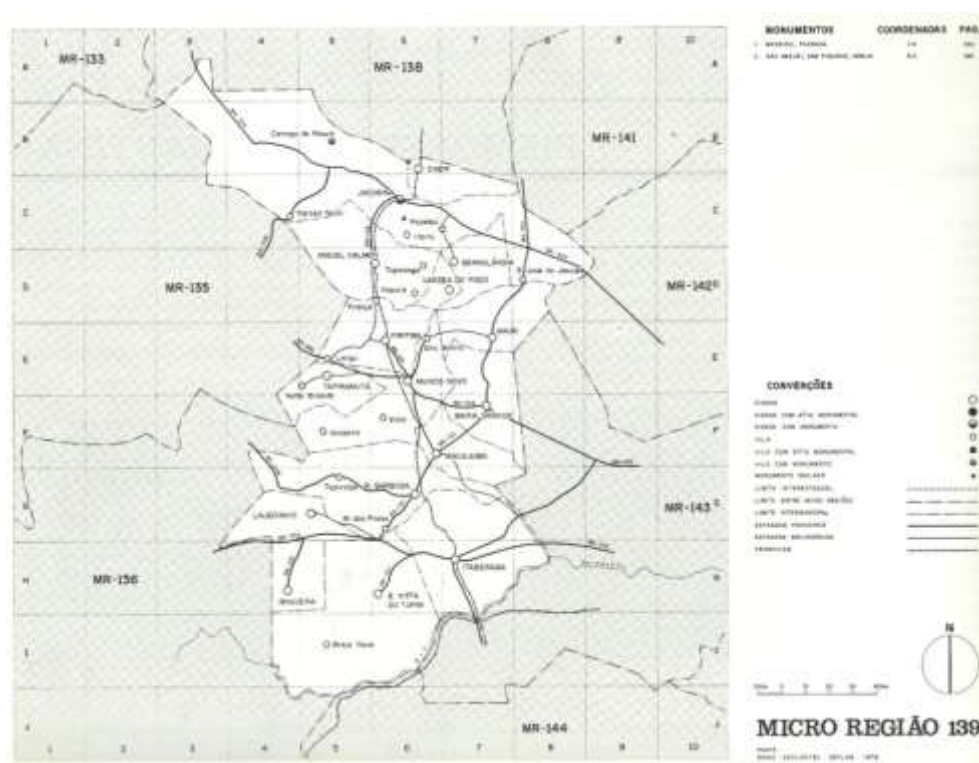
Durante muitos anos após a sua criação, o IPAC era visto como órgão de preservação do Pelourinho, compreendendo, dessa forma todo o Centro Histórico de Salvador. Também com intervenções no Recôncavo, notadamente em Cachoeira- onde possui uma representação-, no Extremo Sul- com ações desenvolvidas em Porto Seguro-, na Chapada Diamantina- com Lençóis em destaque-, Porto do Sertão- Feira de Santana-, entretanto, o maior volume de intervenções do órgão se deu na cidade de Salvador, se concentrando muito os trabalhos na capital do Estado, deixando uma grande lacuna no restante da Bahia⁵.

⁵ Luiz Rosa Ribeiro, que é sociólogo do IPAC há 37 anos.

De acordo com o sociólogo, integrando a política de interiorização desenvolvida pelo Governo do Estado, através da Seculp, o IPAC começou a intervir com maior intensidade nos vinte e sete Territórios de Identidade, incluindo o “Metropolitana de Salvador”. A programação do órgão passou então a abranger áreas antes não atendidas, a partir das demandas vindas das comunidades locais. Foi dado início a uma nova relação com as prefeituras, o que leva seus administradores a verem o patrimônio local como algo de responsabilidade, não só do Governo do Estado. Há ainda, uma iniciativa da direção do órgão de criar equipes itinerantes para visitas aos territórios, fato que além de motivar as comunidades visitadas, também se tem conhecimento *in loco* das demandas e carências, que nem sempre chegam ao órgão.

O Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia tem, portanto, uma grande importância no tombamento de qualquer bem cultural no Estado. Em 1997 foi publicado o Inventário de Proteção do Acervo Cultural da Bahia: Monumentos e sítios da Serra Geral e Chapada Diamantina- IPAC, através da secretaria de Cultura e Turismo e o Governo do Estado da Bahia. Encontramos neste, um capítulo dos patrimônios tombados no Piemonte da Diamantina, na cidade de Jacobina.

Mapa- 3 Mapa da Micro- Região



Fonte: Adaptada de Inventário de Proteção ao Acervo Cultural da Bahia, 1997

O mapa da micro região foi utilizado para demonstrar as cidades da micro região de Jacobina com monumentos tombados. Dentre elas temos Jacobina, que possui monumentos históricos. O primeiro deles descrito no inventário é a Capela do Bom Jesus da Glória (Igreja das Missões), localizada na Praça das Missões.

Foto- 10 Igreja das Missões



Fonte: Rosilane Gomes, pesquisa de campo 2014

A Igreja das Missões, também denominada Capela do Bom Jesus da Glória, está localizada no centro de uma praça, no cume de uma colina. Sua fachada principal abre-se para um amplo vale, enquanto que a posterior se volta para a cidade. Do lado direito da capela, existia um pequeno convento franciscano, demolido em 1860. Na sua vizinhança, existem casas novas, de pequena volumetria. A capela, apesar de suas proporções modestas, domina o conjunto (IPAC, 1997).

Edifício de elevado valor monumental, desenvolvido simetricamente segundo eixo longitudinal. Possui capela-mor e nave, que são envolvidas pela sacristia, consistório, alpendre, capela lateral e copiar. Da varanda lateral, com bancos em alvenaria à sua volta, nascem as escadas do púlpito e coro. Os telhados têm terminações do tipo beira- seveira. A fachada é dominada pela presença do copiar. Duas janelas baixas com grades rústicas de madeira franqueiam a portada. Completa a fachada uma graciosa sineira de madeira. O interior é sóbrio. Só a

capela-mor possui forro, que é prismático, em caixotões policromados. O piso da nave é formado por um reticulado de barrotes e tabuados, que servem de tampa às sepulturas. Os demais ambientes apresentam piso em lajota de barro. Os retábulos primitivos se perderam, mas nas paredes de nave existem os nichos dos antigos altares. O púlpito conserva, na talha, símbolos cristãos e indígenas. Uma janela com grades em madeira separa a capela-mor do consistório. Na sacristia há: um armário embutido, pintado em cores vivas e um pequeno arcaz. Dentre a imaginária destacam-se: dois Crucificados com esplendores de prata, N. Sra. Da Piedade e S. Miguel⁶ (IPAC, 1997).

A Igreja das Missões, ainda criada no início do século XVIII, demonstra ainda grande relevância para história da cidade de Jacobina. Relembrando (CARLOS, 2001), citada anteriormente, as cidades que se vislumbraram por suas formas, contam a história de um povo. Dessa maneira, permanência dela, representa mais que símbolo religioso, marca o período do surgimento da cidade. Por isso a importância do monumento histórico.

Outro monumento tombado é a Igreja da Conceição, localizada na Rua da Conceição, s/nº. Segue as informações descritas sobre o Patrimônio:

¹¹**Localização:** Praça das Missões
Denominação: Capela do Bom Jesus da Glória
Situação e Ambiente: **Época:** Século 18 I- Início
Utilização atual: Culto regular
Área construída: 236 m² IPAC (1997)

Foto- 11 Igreja da Conceição

Fonte: Rosilane Gomes, pesquisa de campo 2014.

Monumento situado a meio caminho entre o centro de Jacobina e a Igreja das Missões, no entroncamento das Ruas da Conceição e S. Salvador. Sua posição oblíqua, com relação àquelas ruas, indica que o monumento se antecipou à urbanização. Devido à sua localização no sopé da encosta da Serra da Conceição, o edifício está implantado sobre um grande terraplano, contido por robustos muros de arrimo. O adro, assim formado, envolve também os lados da igreja de onde se descortina toda a cidade. O acesso ao adro se faz por escadaria, que se projeta sobre a rua. A mole formada pela igreja e seu terraplano domina volumetricamente o casario vizinho (IPAC, 1997).

Edifício de relevante interesse arquitetônico. Sua planta compõem-se de um núcleo central formado por nave e pela capela-mor, que é envolvido por sacristias, alpendre lateral e corredor. Os telhados têm terminações beira-seveira, a exceção da capela-mor que acaba em cornija. O frontispício austero é constituído de um corpo central, que culmina em frontão triangular, flanqueando por duas torres, com robustos cunhais. A torre esquerda apresenta terminação piramidal, enquanto a direita, telhado de quatro águas. A fachada posterior possui nicho com terminação em arco pleno. O adro, originalmente de terra batida, foi pavimentado em meados do presente século, por losas de arenito. Seu interior é simples e apenas a capela-mor

possui forro, que é uma abóboda de berço de madeira. O piso de tijolo foi substituído por ladrilho hidráulico. Nas paredes laterais da nave existem nichos de altares já desaparecidos. Da talha, conserva-se o altar-mor; sanefas das portas, que ligam a capela às sacristias; e, púlpitos. Dentre a imaginária destacam-se: duas imagens de N. Sra. da Conceição, Coração de Maria, com coroa, e Crucificado, com esplendor em prata⁷ (IPAC, 1997).

A Igreja de Nossa Senhora da Conceição neste registro do Inventário de 1997, traz a informação de que há culto regular na mesma, entretanto, a igreja encontra-se interdita há dezoito meses por infestação de cupins, e os cultos foram transferidos para a Igreja Matriz de Santo Antônio. Segundo informações:

Há ainda infiltrações na estrutura da igreja e problemas na rede elétrica. De acordo o pároco da igreja, João da Silva, os problemas começaram a ser detectados por ele assim que assumiu a igreja em 2009, entretanto, não há como fazer intervenções na mesma sem a autorização do IPHAN. Segundo o pároco o órgão alegou falta de verba, orientando o líder religioso a criar uma comissão patrimonial para mobilizar a cidade para da uma contrapartida ou fazer um investimento maior. Foi criada comissão e o órgão respondeu que será possível enviar uma verba, entretanto, não definiram quanto e quando⁸. (SILVA, 2013, s/p)

Apesar dos danos sofridos, a Igreja ainda demonstra uma grande significância para a população, uma vez que também é bastante antiga e nela eram realizadas festas e cultos religiosos. Entretanto, ao passo em que a sociedade se transforma, a cidade também começa a ser redefinida, ponto em risco a existência desses elementos. De acordo com Carlos:

A sucessão de acontecimentos desconexos parece envolver a vida cotidiana em um turbilhão de sensações sem sentido. A velocidade impõe uma revolução à continuidade, enquanto a destruição dos referenciais urbanos impõe a estranheza às relações entre o habitante e a cidade- como se a vida estivesse sendo determinada ou manipulada por um elemento mágico que seguimos, cegamente, sem nos dar conta do feitiço (CARLOS, 2001, p.350).

⁷ **Localização:** Rua da Conceição s/nº

Denominação: Igreja da Conceição

Situação e Ambiente: **Época:** Século 18 I: Início

Utilização atual: Culto regular

Área construída: 486 m² IPAC (1997)

⁸ Essas informações foram retiradas do blog de Cleriston Silva com redação do mesmo, publicado em 18 de Dezembro de 2013.

Dessa maneira, esse sentimento de descontinuidade acomete os sujeitos uma vez que as transformações no espaço urbano afetam o seu cotidiano e suas memórias:

“As transformações... é o seguinte, que, nós jacobinense não temo a.. a cultura de preservar aquilo que é mais belo da sua cidade, que é a sua arquitetura, é... o estilo ao qual ela foi construída. Porque, o... como é que eu quero dizer... é, a exploração de imóveis, é, eles vendem, eles derrubam a arquitetura que é bonita para sua cidade, a sua identidade, para construir prédios modernos. Para abrigar diversos segmentos de atividades comerciais. Não se importando muito com a preservação do seu ativo arquitetônico. Inclusive em alguns lugares da chapada, a gente observa o quanto essas cidades se preocupa na manutenção da sua arquitetura, no seu estilo colonial. Podia citar como exemplo o Banco do Brasil em Lençóis, ele é abrigado em um prédio com uma arquitetura, desde quando ele foi feito, ninguém mexe, ninguém pode fazer nenhum tipo de modificação. Em rio de Contas, também podemos observar que eles fazem tudo para preservar os seus casarões, principalmente no centro da cidade. Lojas, bancos, é... empresas de atividades comerciais, todas elas funciona nos prédios, no estilo ao qual foram concebidos.”(Morador 22,em 26/03/2014)

A Matriz S. Antônio da Jacobina é outro monumento registrado pelo IPAC, situada à Praça Rui Barbosa. Segue as informações descritas sobre o Patrimônio:

Foto- 12 Igreja da Matriz



Fonte: Rosilane Gomes, pesquisa de campo 2014.

A Igreja localiza-se no núcleo primitivo da cidade, no meio da Pç. Rui Barbosa, que se continua na Pç. Castro Alves, formando um espaço único, conhecido, tradicionalmente, como Praça da Matriz. A oeste do monumento corre o Rio do Ouro, afluente do Itapicuru Mirim, que corta a cidade no sentido norte/sul. O edifício é circundado por casas e sobrados de pequenas proporções, em sua maioria do século XIX, já bastante descaracterizados (IPAC, 1997).

Edifício prejudicado pela mutilação e inserção de elementos não condizentes. Sofreu sucessivas intervenções, neste século, que alteraram sua volumetria, disposição espacial e fachada. Apresenta, atualmente, planta retangular constituída por nave principal e capela-mor, envolvidas por falsas naves laterais, coros baixos e sacristia transversal. As bases das torres são ocupadas por um batistério e uma capela. A cobertura possui terminações do tipo beira-seveira. O frontispício atual, muito duro, é dividido por pilastras em três partes. Na central há portada em cantaria com friso abaulado, três janelas de coro com esquadrias de ferro e frontão triangular novo. Os corpos laterais são constituídos por duas torres de alturas diferentes, com terminações piramidais. A igreja possui cinco altares do século XVIII. Sob os arcos que separam a capela-mor dos coros baixos, grades em bolacha, de jacarandá, idênticas ao cancelo. Dentre a imaginária, destacam-se: S. José, N. Sra. da Conceição, S. Miguel, Santana, S. João Batista, S. Sebastião, S. Benedito e N. Sra. das Dores (roca). Dentre as alfaias: 1 cruz processional, 2 turíbulos, 1 naveta e 1 custódia, em prata. Na sacristia um arcaz⁹ (IPAC, 1997).

A Igreja da Matriz é de grande importância para os festejos religiosos da cidade de Jacobina, bem como representa também grande valor histórico. A sua localização à Praça Castro Alves faz com que também além dos moradores, visitantes admirem a mesma:

“O que eu gosto mais? Minhas amigas e a igreja na Matriz.”
(MORADOR 5, em 07/11/2013)

Outro monumento registrado no IPAC é a Casa Paroquial de Jacobina, situada à Rua Professor Tavares Nº 108.

⁹ **Localização:** Praça Rui Barbosa
Denominação: Matriz S. Antônio da Jacobina
Situação e Ambiente: Época: Século 18 M- Meados
Utilização atual: Culto Regular
Área construída: 724 IPAC (1997)

Foto- 13 Antiga Casa Paroquial de Jacobina (atual Wise)



Fonte: Rosilane Gomes, pesquisa de campo 2014.

O sobrado situa-se à Rua Professor Tavares, antiga Rua da Floresta, no núcleo mais antigo da cidade, próximo à Igreja da Matriz. O edifício está implantado no centro de um grande lote limitado na parte posterior pela Rua da Aurora, antiga Vitória. Na vizinhança do sobrado existem construções pequenas, de diferentes épocas, mas que não perturbam a ambiência do mesmo. Grade de ferro separa a rua jardim de formas geométricas, que antecede o edifício (IPAC, 1977).

Sobrado de relevante interesse arquitetônico, com dois pavimentos e sótão. Sua planta é retangular com circulação central, recoberta por telhado em duas águas, escondidas pela platibanda do frontispício. No primeiro andar, existe uma varanda posterior sobre pilares de tijolos. Esta varanda foi prejudicada com a construção, recente, de um bloco de sanitários. A fachada principal, emoldurada por cunhais e cornija, tem porta central, superposta por janela rasgada, ambas ladeadas por janelas também, de vergas retas. O interior, no que pese à substituição do antigo piso do pavimento térreo, em lajota de barro, por ladrilho hidráulico, encontra-se razoavelmente conservado. O primeiro andar mantém piso em tabuado e forro em madeira, tipo “saia e camisa”. O edifício conserva poucas peças do mobiliário da época¹⁰.

¹⁰ **Localização:** Rua Prof^o. Tavares N^o 108

Atualmente funciona da antiga Casa Paroquial de Jacobina, curso pré-vestibular e cursos de língua inglesa e espanhola. A fachada mantém-se bastante conservada, embora não original. Ainda preserva alguns aspectos (ver fotografia em anexo).

Outro monumento registrado é a Casa à Praça Castro Alves 61. Segue as informações descritas sobre o patrimônio:

Foto- 14 Casa à Praça castro Alves 61



Fonte: Rosilane Gomes, pesquisa de campo 2014.

O edifício está situado na Praça Castro Alves, esquina com a Praça Rui Barbosa, no meio da qual ergue-se a Matriz. Os dois logradouros, contíguos, formam, na verdade, um único espaço urbano, conhecido popularmente como Pç. da Matriz. A Pç. Castro Alves tem como limite oeste o Rio do Ouro, afluente do Itapicuru, que corta a cidade no sentido norte/sul. A casa tem como vizinho, à direita, um sobrado do final do século XIX, bastante alterado (IPAC, 1997).

Casa térrea de relevante interesse arquitetônico. Possui planta retangular, com varanda posterior, recoberta por telhado em quatro águas. Um anexo de

Denominação: Casa Paroquial de Jacobina
Situação e Ambiência: Época: Século 19 F: Final

Utilização atual: Casa Paroquial
Área construída: 387 m² IPAC (1997)

serviços se abre para um pátio murado, que antecede ao quintal. No final XIX, a casa sofreu algumas alterações nas fachadas, anterior e posterior. O frontispício, flanqueado por cunhais e culminado por platibanda, é vasado por uma porta central e seis janelas com caixilharia em guilhotina. Todos os vãos, com arcos abatidos, são coroados por decoração tipo folhagem, em estuque. As janelas posteriores, com vergas retas, guardam vestígios de antigas grades de madeira. O interior encontra-se razoavelmente conservado, embora os salões anteriores tenham tipo seus pisos de lajota de barro substituídos. A sala anterior esquerda apresenta forro tipo “saia e camisa”. O edifício conserva mobiliário do século XIX e início do atual e imagens de N. Sra. do Rosário, esta última em marfim. Possui ainda retratos a óleo do Frei José do Menino Jesus, carmelita descalço, nascido em Jacobina, e do Dr. Galdino Moraes¹¹ (IPAC, 1997).

O edifício é hoje parte do Colégio Yolanda, mantém a estrutura em boas condições é um dos casarões mais belos da Praça Castro Alves.

Além dos monumentos tombados apresentados acima, também é tombada a Igreja S. Miguel das Figuras; a Capela de São Vicente Ferrer; a Casa da Fazenda Medeiro, todos localizados na zona rural. Por isso não há relevância para o presente trabalho, uma vez que não localizam-se no centro urbano de Jacobina.

Os monumentos tombados da cidade de Jacobina ainda se mantêm como importantes marcos referenciais. Mesmo os casarios não tombados, mantêm grande significância para muitos moradores. Nem todas as pessoas têm o conhecimento de quais monumentos de fato são tombados, entretanto, através das falas dos moradores nas entrevistas percebeu-se que outras construções antigas representam para estes a história da cidade, podendo ser mais valorizados bem como representam um momento da mesma. Ressalta-se a importância de conhecer os monumentos tombados, uma vez que podemos ter a dimensão de quantos marcos históricos têm de fato registro:

“É, Jacobina entrou num contexto de turismo, né! Ela se coloca como uma cidade turística, considerando esse contexto, de turismo, eu

¹¹ **Localização:** Praça Castro Alves, 61

Denominação: Casa à Praça Castro Alves, 61

Situação e Ambiência: **Época:** Século 19 I: Início

Utilização atual: Habitação

Área construída: 280 m² IPAC (1997)

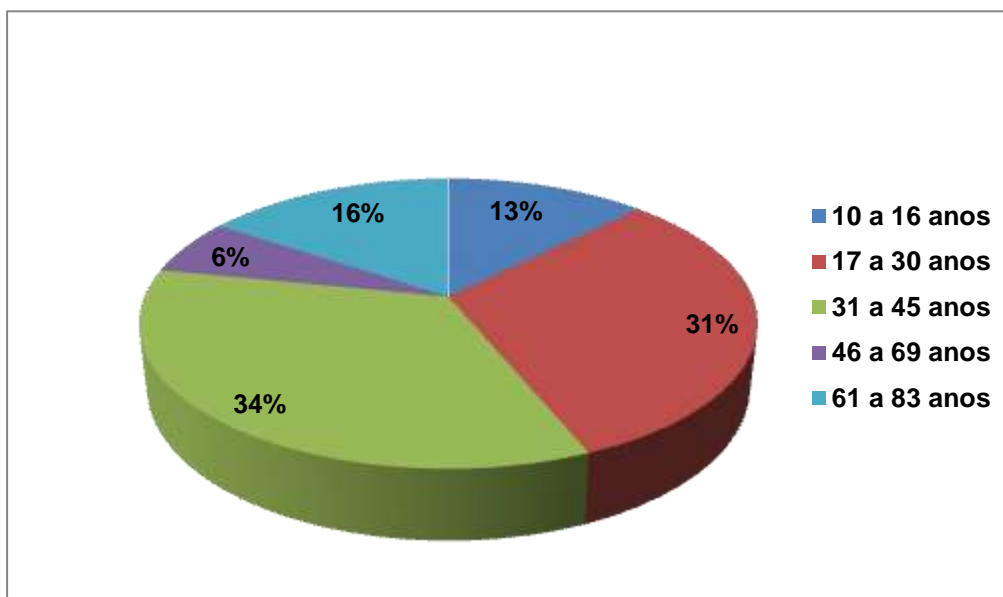
acho que deveria ter. Porque esses casarões, eles poderiam ser transformados, entendeu? Em pontos de visitação, de exposições, de... do aproveitamento, da própria cultura do lugar, ao invés de ser simplesmente destruídos e transformados em pontos comerciais, como vem acontecendo. Aqui na Manoel Novais, a gente viu agora, se você analisar aqui a Manoel Novais, vários casarões antigos foram abaixo, né? E já estão sendo construídos de acordo com a contemporaneidade, e o capitalismo. (MORADOR 16, em 13/02/2014)

2.4 ALGUNS DADOS DOS MORADORES DO CENTRO DE JACOBINA

Durante as entrevistas com os moradores, elencamos três questões que posteriormente transformamos em gráficos. O 1 revela há quanto tempo a pessoa reside no centro de Jacobina. Os que residem entre dez e dezesseis anos, somam 13%, já os que moram entre dezessete e trinta anos somam 31%. Entre trinta e um anos e quarenta e cinco, somam a maior porcentagem, 34%. Aqueles que residem entre quarenta e seis e sessenta e nove anos somam 6%, sendo a menor parte. E os que residem entre sessenta e um e oitenta e três anos, somam 16%. Percebeu-se que somando a maioria dos sujeitos residem no centro entre dezessete e quarenta e cinco anos, se somarmos as maiores porcentagens, 34% e 31%. Um dos critérios para a pesquisa foi que o sujeito deveria residir no centro mais de dez anos. Nesse sentido obtivemos durante a pesquisa de campo falas de pessoas que residem há muitos anos no centro, tal fato contribui na convivência destes no centro urbano com os monumentos e históricos e suas respectivas transformações. Há também que se ressaltar que este, é um local tranquilo para moradia, visto a permanência desses sujeitos no bairro, fato que também foi possível apreender nas falas dos sujeitos. Fala do *morador 29*:

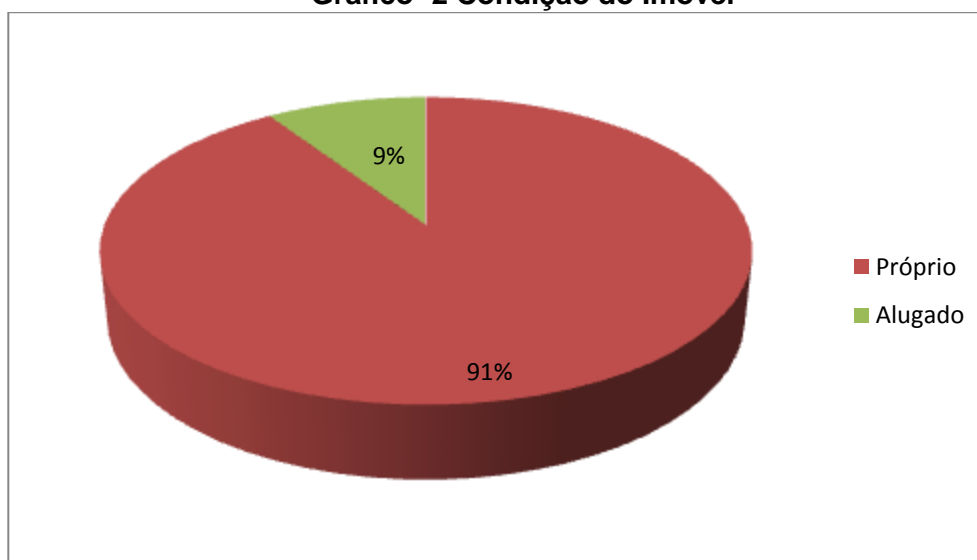
“Haa, nesse bairro aqui? Nosso bairro é um bairro assim, muito sossegado. Graças a Deus, todo mundo é amigo, não tem problema de vizinho brigar, tudo amigo né!? Com muitos moradores já proprietários, não tem muita gente de fora, são todo mundo conhecidos, não vão na casa de ninguém, mas todo mundo é amigo.”

Deve-se ressaltar também que uma parte significativa, 16% dos moradores residem entre sessenta e um e oitenta e três anos no centro, tal fato nos revelou que há uma população significativa de pessoas idosas no recorte de estudo.

Gráfico- 1 Tempo que reside no centro de Jacobina

Fonte: Rosilane Gomes, pesquisa de campo 2014.

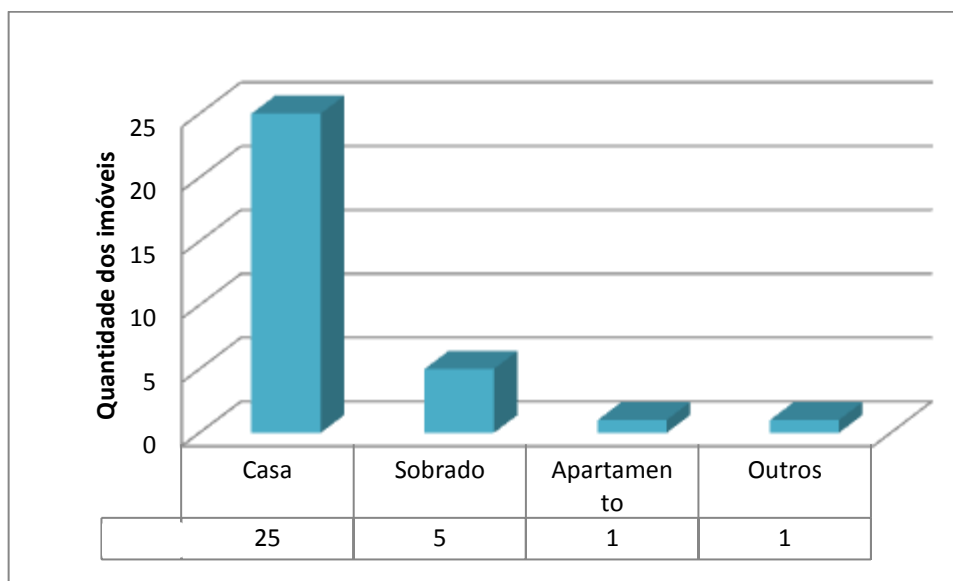
Conforme gráfico abaixo, 91% dos moradores residentes no centro de Jacobina, são proprietários do imóvel, sendo apenas 9% alugado.

Gráfico- 2 Condição do Imóvel

Fonte: Rosilane Gomes, pesquisa de campo 2014.

A Figura 1 demonstra o tipo de imóvel que as pessoas residem. Dentre as quatro opções de imóvel: casa, sobrado, apartamento e outros, vinte e cinco pessoas residem em casa, enquanto que cinco residem em sobrado, uma morador reside em apartamento e outro mora em tipo de imóvel outro.

Figura- 1 Tipo do Imóvel



Fonte: Rosilane Gomes, pesquisa de campo 2014.

Através destes dados constatou-se que os sujeitos residentes no centro, gostam de morar no mesmo, a maioria tem a residência própria e uma quantidade de anos que reside no centro bastante significativa. Fato que contribuiu de maneira peculiar na pesquisa de campo:

“Gosto do bairro porque eu nasci por aqui mesmo, eu sou daqui de Jacobina, tenho 83 anos, nunca saí dessa rua, eu sempre morando aqui. E gosto de falar sobre a Jacobina, que ela é boa [...].”
(MORADOR 32, em 14/04/2014)

2.5 A VISÃO DOS MORADORES FRENTE ÀS TRANSFORMAÇÕES NO CENTRO DE JACOBINA

A cidade existe não só pelos objetos, mas pelos sujeitos que habitam o espaço urbano. E são eles que a constroem constantemente. Há também que se ressaltar que muitas cidades são antigas. A Jacobina não é diferente. Tal fato faz com que a história das cidades ainda se preserve pelas formas ainda persistentes em seus centros históricos, ainda que durante um período a história da cidade permaneça. De acordo com Spósito (2001), é preciso:

[...] também aceitar o fato de que a cidade na qual vivemos, salvo exceções nas regiões mais novas, não apareceu no momento em que nascemos, mas já tinha uma história e certamente continuará a existir quando morrermos, porque seja ela pequena ou grande, localizada no Brasil ou na Europa, originada neste século ou no

século XVII, permanece através de suas formas e suas contradições (SPÓSITO, 2001, p.12).

Através das formas urbanas compreende-se aspectos do que foi um dia a cidade. A cidade de Jacobina apresenta em seu centro formas de outros séculos que ainda persistem e mantém muitos significados para os sujeitos. De acordo com Santos (1992) a forma, em sua característica de forma-conteúdo, está sendo constantemente alterada e o conteúdo ganha uma nova dimensão ao encaixar-se na forma. O fato de habitar, de conviver com os marcos referenciais, o cotidiano, as praças, igrejas e casarios, tudo isso remete à história de um povo.

Questionados sobre *O que mais aprecia (gosta) no Centro?* Alguns dos moradores responderam que o que mais apreciam são as praças, outros disseram que gostam de morar no centro pela tranquilidade em relação à violência etc., alguns ressaltaram a proximidade com o comércio, um morador disse apreciar as missas e festas religiosas, houve ainda os que argumentaram gostar do centro por terem nascido no mesmo:

Morador 6- “Gosto de ver praças, com pessoas conversando. Gosto de olhar os casarões infelizmente se desmanchando.”

Morador 11- “A tranquilidade. Porque é próximo de tudo, porque é no centro, perto da feira e do comércio.”

Morador 22- “Aqui a convivência é muito boa, é uma rua tranqüila, sem confusão, tem um certo padrão de vida mais ou menos. É muito bom a moradia aqui, muito tranqüilo, principalmente, porque nunca teve nenhum tipo de confusão nessa área em todos os tempos.”

Morador 26- “Eu que eu mais gosto no centro da cidade são as igrejas né!? O posto de saúde, que, é... de qualquer forma é um bem para as pessoas, as pessoas podem tá no centro da cidade tendo um local de procurar a melhoria de sua saúde. A igreja, porque é um centro das pessoas irem demonstrar a sua fé, e também... os jardins aqui próximo. Sempre foi um centro assim as pessoas que ainda têm aquele hábito, de sentar na porta, de bater papo, de conversar. Então isso é o que, dessa cidade de interior o que mais me aprecia é essa questão.”

Percebe-se, portanto, a ligação dos indivíduos com o espaço urbano, com as construções. As formas têm além de possuírem uma existência física no espaço urbano, têm uma existência mental para os sujeitos. Nesse sentido, segundo Lefebvre (2001), através do processo dialético, os conteúdos superam a forma e a forma dá acesso aos conteúdos. A forma carrega assim uma dupla existência. Ela é

e não é. Só há realidade com os conteúdos, no entanto separa-se deles. Possui, portanto, uma existência mental e uma existência social.

Outro questionamento levantado na entrevista foi: *Para você, a configuração da estrutura arquitetônica do Centro Urbano de Jacobina lembra outras cidades?* Algumas pessoas responderam que não ou não lembram, entre as pessoas que responderam sim, algumas citaram existir semelhança entre o Centro histórico de Salvador, outras citaram cidades de Minas Gerais, Ouro Preto, Mariana e Teófilo Otoni, foi citada ainda Lençóis, Rio de Contas, Senhor do Bonfim, Miguel Calmon, Morro do Chapéu, Aracajú- SE, Laranjeiras, Santo Amaro da Purificação, Cachoeira, São Félix, Serra Preta, Rui Barbosa, Mundo Novo, Olinda:

Morador 1- “Sim. Lembra, eu acho o...lembra um pouco o Pelourinho, alguns locais aqui.”

Morador 6- “Lembro, lembro do centro histórico Salvador, lembra Aracajú, cidade que gosto muito. E me lembra também umas praças de Cachoeira e São Félix.”

Morador 7-“A maioria dos casarões foram feitos a partir de modelos portugueses, principalmente as fachadas. Gostavam de colocar as iniciais do nome do proprietário. Para fazer as paredes, amarravam com tiras de couro, o usavam o estreme para liga.”

Ex: Casarão da Praça Miguel Calmon. JLS: José Lindoufo dos Santos

Morador 8- “Sim, mundo novo, lá tem umas casas bonitas, Salvador, e Senhor do Bonfim também.”

Morador 9- “Tem aqui, Serra Preta, Miguel Calmon tem uns casarões idênticos. Comparados com a da gente, só esses mesmo, ha! E Rui Barbosa.”

Os sujeitos que citaram a semelhança com outras cidades, fazem um relação entre as formas urbanas similares, ressaltando locais com o contexto de surgimento similar com o da cidade de Jacobina. O *Morador 7*, citou a construção dos casarões de Jacobina a partir de modelos eurocêntricos (português), enfatizando que gostavam de colocar em suas fachadas as iniciais do proprietário. Dando como exemplo o casarão da foto abaixo, situado à Praça Miguel Calmon.

Foto- 15 Casarão na Praça Miguel Calmon



Fonte: Rosilane Gomes, pesquisa de campo 2014.

As iniciais inscritas na fachada do casarão são JLS (José Lindolfo dos Santos)

Foto- 16 Casarão na Praça Miguel Calmon



Fonte: Rosilane Gomes, pesquisa de campo 2014.

Foto-17 Telhado do Casarão em condições ruins



Fonte: Rosilane Gomes, pesquisa de campo 2014.

O telhado desse casario encontra-se em condições ruins, tendo desabado uma parte, como mostra a foto 17.

Sobre o processo de transformações no centro urbano de Jacobina, foi questionado: *Ocorreram transformações na arquitetura e na forma dos prédios e casarões no centro urbano de Jacobina? Qual ou quais? Por quê?* Grande parte dos moradores responderam que aconteceram transformações, poucos moradores responderam não ter percebido nenhuma modificação:

Morador 1 “Mudanças? Eu acho que assim, tem alguns que ainda mantém conservado né? Só a pintura mesmo, eu acho que ainda mantém conservado, é tanto que a forma é toda antiga”.

Morador 3- “Sim, muitas, muitos casarões teve suas fachadas totalmente transformadas, pra abrigar lojas, mais modernas”.

Morador 4- “Não. Aqui é uma cidade muito boa. Eu pelo menos não acho”.

Morador 6 -“Assim, na Praça da Matriz, já foram modificados, a exemplo do hotel da Matriz. E alguns estão deteriorando. Existe também uma escola que foi derrubada, era a Escola Joana Angélica, onde meus filhos estudaram”.

Morador 7 -“Foram destruídos e colocados novos edifícios nos lugares, deixando de existir aquela memória de um passado que só nos deixou lembranças e saudade”.

Morador 12 -“Muita, derrubaram, demoliram, construindo edificações novas, modernas. Eu não queria ter vendido o casarão que eu tinha, mas eu não tive como reformá-lo, então vendi. Nas cidades que eu já visitei, eles conservam toda a estrutura. Inclusive o Pelourinho, que foi restaurado Por Antônio Carlos Magalhães, para conservar o Pelourinho como era. Houve muita mudança aqui em Jacobina, muito mesmo”.

As transformações ocorridas no centro de Jacobina foi presenciada por muitos sujeitos ao longo de alguns anos. Através do cotidiano, da convivência com os referenciais, apreendem-se muitas memórias. Sempre que a sociedade sofre algum tipo de modificação, conseqüentemente as formas também são alteradas, assumindo, nesse sentido, novas funções, e a totalidade de toda essa mutação gera assim, uma nova organização espacial (SANTOS, 1992).

Sobre os novos usos de muitas construções históricas, foi feito o seguinte questionamento: *A maioria dos prédios e casarões do Centro, hoje em dia abriga lojas, bancos, dentre outros. Para você, isso é positivo ou negativo? Por quê?* Algumas pessoas consideram os novos usos um ponto negativo, por modificar na maioria das vezes, as antigas construções, outras argumentaram não consideram nem positivo nem negativo, apenas necessário para não deixar as construções sem uso, ou ainda para movimentar o comércio, propiciar lazer etc; algumas consideraram um ponto positivo, ressaltaram que é necessário preservar a forma, mesmo com os novos usos, ou ainda que seria um ponto positivo desde que preserve-se a mesma:

Morador 1- “É negativo, porque deve-se preservar sem colocar comércio nenhum, simplesmente, ser algo para as pessoas visitarem.”

Morador 2- “É, é porque de qualquer maneira, aquelas casas era históricas né? Pela... pelo tempo, então seria negativo.”

Morador 3- “Por abrigar lojas ou bancos, não é que seja um lado negativo, mas acredito que poderia ter é... não precisaria modificar a estrutura dos casarões, poderia manter a estrutura e abrigar bancos, comércios, seja lá o que fosse, mas manter a estrutura, porque faz parte da história.”

Morador 7- -“Esses usos são positivos, porque não ficam parados. Não acho que seja positivo ou negativo, mais é uma necessidade para manter esses prédios vivos.”

Morador 12- -“Por ter comércio não é negativo, mas deveriam preservar. Não veja...aquele ao lado da casa lotérica, era lindo e foi derrubado.”

Morador 20- “É negativo, a partir do momento que eles derrubam o casario antigo para construir prédios modernos, para devida exploração imobiliária né!? Você derruba uma casa velha daquela, não tem valor quase nenhum, financeiro, mas tem um valor de identidade, de cultura, e o projeto arquitetônico. E aí dá lugar a prédio moderno, que né... para valorizar o imóvel, para vários ramos de atividades comerciais. Esse é o ponto negativo. Por que eles destroem a arquitetura genuína, original para construir prédios modernos por causa da exploração imobiliária. Para obtenção do lucro, nada mais.”

Embora se obteve respostas distintas, é importante ressaltar que para os sujeitos as novas funções que atualmente têm as construções, não impede de manter as formas antigas. Sendo assim, os novos usos dessas construções não impediria a manutenção de formas antigas, fato que manteria a história através destas. Relembrando (SANTOS,1992), para compreender a organização espacial, bem como de sua evolução, só é possível mediante a acurada interpretação do processo dialético entre formas, estrutura e funções através do tempo.

Outro questionamento foi: *Você pretende vender ou alugar a sua residência? Justifique.* A maioria, através das respostas, não demonstrou nenhum interesse em vender ou alugar a residência por ter pertencido aos pais, ou pelo fato de gostar do bairro. Aspecto demonstra que os sujeitos gostam de morar no bairro.

A posterior questão levantada foi: *Para você, existiria uma forma de regularização dessas modificações e apropriações? Justifique.* Muitos moradores responderam que sim, deveria existir. Outros argumentaram que já existe, algumas citaram o IPHAN, demonstrando já conhecer alguns dos patrimônios tombados da cidade de Jacobina; alguns pessoas disseram que não, que cada proprietário é responsável pelo seu imóvel. Percebeu-se que embora muitos não conheçam os órgãos que regulamentam os monumentos históricos, demonstraram haver necessidade de uma instância que cuide da conservação dos mesmos:

Morador 3- “Se houvesse uma lei que obrigasse os comerciantes , os donos desses casarões antigos, a manter , a preservar, eu acho que seria... válido.”

Morador 4- “Já existem leis para os que são tombados”.

Morador 10- “Acho que não, acho que não deve manter o período arcaico, mas deve derrubar para construir novas casas. Porque essa casa já tem mais de cem anos e está muito antiga, deteriorando”.

Morador 11 -“A lei existe, só que não é cumprida. Alguns são tombados como patrimônio público, mas estão em ruínas, como é o caso da igreja da Conceição. Eu sou a favor de vender, e construir um prédio melhor, quando não se tem dinheiro para reformar. Onde é o Banco do Brasil, era uma casa velha, o Banco do Itaú era uma casa antiga, da mãe de Leopoldo, e hoje dá lucro, uma casa velha, vai servir para quê? Quando essas construções ficam abandonadas, abrigam pedintes.

A última questão levantada foi: *Como você imagina o Centro urbano de Jacobina no futuro?* As respostas foram variadas, alguns responderam que acreditam que o centro se manterá praticamente igual; outros disseram que os casarões darão lugar às novas construções; outros responderam que desejam uma cidade que ofereça melhores condições de estudo e trabalho para seus filhos e netos; poucos disseram nunca ter parado para refletir sobre essas questões:

Morador 3- “Eu acho que vai estar mais mudado né? Porque, à medida que vai ocorrendo as transformações, vai tudo se modificando, e as pessoas querem investir hoje no que é moderno, na arquitetura moderna, não lembrando que muitas vezes, é... as fachadas desses casarões contam a história da cidade.”

Morador 5- “Se cuidarem, os casarões se manterá conservados, mas se não...acabarão.”

Morador 8-“Deve haver algumas modificações, mas não tanto na arquitetura. Mas acredito que não vai mudar muito a arquitetura”.

Morador 9- “Eu imagino os prédios de Jacobina que a lei orgânica não permite, com mais de três andares. Para habitar mais pessoas no Centro. Essas casas antigas deveriam ser demolidas, para fazer prédios novos, aproveitar o terreno para fazer novos prédios, mas os políticos não ligam para o desenvolvimento. Eu mesmo irei demolir a minha, tenho um filho que é engenheiro civil, irá fazer isso para mim”.

Morador 17- “Eu acho que todos esses casarões antigos, vão sumir no futuro. Vai ser totalmente diferente”.

Morador 20- “Acredito que o mal tende a crescer, o restante das casas coloniais, as poucas que ainda são preservadas, certamente elas darão lugar a novas construções e as novas modificações , de

prédios novos no lugar desses prédios antigos. Mesmo porque o... a força do capital é muito grande.”

Algumas respostas evidenciaram que os o centro continuará se modificando, bem como as construções. O Morador 20 cita a influência do capital, na apropriação dos espaços e conseqüentemente modificações destes. Relembrando (SANTOS, 1992), a sociedade por si só, se modifica a cada instante, afetando conseqüentemente o espaço onde a mesma atua.

Foi percebido que os trinta e dois sujeitos pesquisados responderam às questões de forma muito pessoal, de acordo à sua vivência no centro urbano de Jacobina, deixando em cada fala os seus pensamentos sobre a cidade, e sobre os monumentos históricos. Todavia, percebeu-se vários pontos em comuns entre as falas, o que se mostra em muitas delas uma memória coletiva frente aos referenciais urbanos ainda presentes no centro da cidade de Jacobina. As informações geradas a partir das entrevistas, também considera que cada indivíduo tem um tempo (anos) único de convivência com esses marcos, e que, portanto, alguns têm uma memória de coisas maior do que outros, o que significa que um sujeito que reside há 35 anos, não consiga ter a mesma noção do outro que reside há 50 anos, o que os diferencia, porém, é que o sujeito com maior convivência com os referenciais vivenciou momentos históricos maiores.

Cada sujeito contribuiu, à sua maneira para a presente pesquisa. Dessa forma, todas as falas foram de grande relevância para o mesmo, uma vez que através da memória individual, também se constrói uma memória coletiva, já que todos indivíduos entrevistados, convivem em um mesmo recorte espacial, o que se diferencia, portanto, é a quantidade de tempo neste espaço.

2.6 A HISTÓRIA DO CENTRO DE JACOBINA: APENAS MEMÓRIA?

Os referenciais urbanos contam a história das cidades, eles estão nitidamente espalhados pelos centros históricos. O que temos no centro urbano de Jacobina, são monumentos, sejam eles tombados ou não. As igrejas e casarios contam a história da cidade, que não nasceu neste século, mantendo algumas de suas formas ainda preservadas, as ideologias, religião e cultura de seu povo. Para Carlos:

A forma é a aparência, é o mundo da manifestação do fenômeno. Permite a constatação da existência do fenômeno, ao mesmo tempo em que é representação das relações sociais reais. Não é, apenas e

tão- somente, produto da história, na medida em que a aparência reproduz a história. A paisagem urbana, enquanto forma de manifestação do espaço urbano, reproduz num momento vários momentos da história. Aí emergem os movimentos, a multiplicidade dos tempos que constituem o urbano (CARLOS, 1994, p.24).

Muitos desses referenciais deixaram de existir no centro urbano, as formas foram modificadas, e a função também, uma vez que o centro foi se tornando cada vez mais comercial, transformando as antigas residências (casarões) em locais em casas comerciais e outros estabelecimentos. O fato é que o capital, cada vez mais foi impõe o seu poder sobre esses marcos. Dessa forma, “[...] a cidade aparece como um bem material, como uma mercadoria consumida de acordo com as leis de reprodução do capital”, (CARLOS, 1994, p.28). Dessa maneira, o poder do capital, que compra o espaço urbano, reproduz em suas formas uma padronização dada pelo processo de globalização, reduzindo aos poucos as características peculiares da cidade:

“Foram destruídos e colocados novos edifícios nos lugares, deixando de existir aquela memória de um passado que só nos deixou lembranças e saudade”. (MORADOR 7, em 13/11/2013)

Cada vez mais a ideia do “contemporâneo” invade os centros históricos, revelando as intenções humanas dadas nas relações sobre os espaços e nos objetos, por conseguinte construídos. O que configura um centro histórico datado de elementos de vários tempos, e identifica-los passa a ser, cada vez mais uma tarefa não tão fácil, salvo os sujeitos que têm mais tempo de convivência com esses referenciais. De acordo com Carlos:

A reprodução do espaço (urbano) recria constantemente as condições gerais a partir das quais se realiza o processo de reprodução do capital, da vida humana, da sociedade como um todo. A reprodução do espaço (urbano) enquanto produto social é produto histórico, ao mesmo tempo em que realidade presente e imediata. Esta realiza-se no cotidiano das pessoas e aparece como forma de ocupação e/ou utilização de determinado lugar, num momento histórico específico (CARLOS, 1994, p. 30).

O espaço urbano, engendrado de momentos históricos, também é permeado de conflitos gerados a partir das relações de consumo, da vida humana em si. Dessa forma, o uso do solo urbano também gera conflitos, também separa os homens. Segundo Carlos (1994, p. 21), “o padrão arquitetônico da cidade também segrega, separa, expulsa”. Esses conflitos surgem, cada vez mais, do capitalismo, que a todo instante, quer comprar a tudo e a todos. No caso dos casarios de Jacobina, aqueles

que hoje são utilizados como locais de comércio determinam quem pode ou não usufruir de tais espaços. É preciso pagar um preço não barato para se frequentar um *café*, por exemplo. Nesse caso, as igrejas são uma exceção, visto que a intenção da manifestação da fé ainda se mantém de graça, não sendo permitido selecionar os sujeitos que a frequentam. Como diz Carlos (1994, p.12), “as catedrais, apesar de construídas pelo homem, pertencem a Deus; já as cidades de hoje, pertencem ao capital”.

O centro urbano de Jacobina redefine-se ao passo que tempo e espaço compõem a vida urbana. As coisas tornam-se cada vez mais efêmeras, perdendo-se dessa forma seus sentidos. O centro de outrora, não é mais o mesmo, nem será amanhã, ainda que persistam as características que guardam a história de um povo de um determinado período.

Foto- 18 Casa situada à Praça Castro Alves, 61



Fonte: Adaptado de AZEVEDO, 1993.

Foto- 19 Casa situada à Praça Castro Alves, 61



Fonte: Rosilane Gomes, pesquisa de campo, 2014.

Em conformidade com Carlos (2001), “o tempo perde substância; com isso, a prática se torna fluida, sem aderência; o espaço, por sua vez, em constante mutação, marcado pela destruição dos referenciais da vida urbana, transforma-se em distância.” Essa distância pode ser entendida como a falta de significância de determinados objetos para os sujeitos. Essa efemeridade com que cada vez mais os espaços urbanos vêm sofrendo, remete a produções de novas identidades. Para Carlos:

Espaço e tempo tornados abstratos se esvaziam de sentido, contribuindo para a produção de nova identidade, a identidade abstrata, decorrência da perda dos referenciais, do empobrecimento das relações sociais, e como imposição do desenvolvimento do mundo da mercadoria, definida pelos parâmetros da reprodução do capital no momento atual (CARLOS, 2001, p. 349).

Dessa forma, as relações com o centro urbano também, com os referenciais, vão perdendo a sua significância. Não dá para saber, até quando estes referenciais continuarão a demonstrar a história da cidade para os sujeitos. O que se faz pensar que, se de fato deixarem de existir esses marcos no centro urbano da cidade de Jacobina, a história da cidade, transformar-se-á apenas em memória para os sujeitos que ainda conseguirem contá-la seja de forma verbal ou escrita, uma vez que deixando os indivíduos de existirem, os inscritos é que se encarregarão de contar toda a história.

Não é propósito deste estudo afirmar como de fato será esse centro urbano no futuro. O que resta ainda no centro de Jacobina, sejam as igrejas, sejam os casarios, aqueles tombados ou não, é que ainda hoje representam para muitos sujeitos a história da cidade. Os referenciais urbanos, só existem, e só resistem pela vontade dos sujeitos, suas aspirações, desejos, e revelam sua crença, ideologia e cultura. Tais fatores, além da intervenção do capital, já citada anteriormente, se não determinantes, serão imprescindíveis no que ocorrerá daqui para frente nos referenciais urbanos existentes no centro de Jacobina.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muitos centros históricos presentes em algumas cidades brasileiras ainda mantêm seus referenciais urbanos. Tal fato faz com que em sua maioria utilizem os serviços turísticos, por serem locais de atrativos históricos, o que rende lucro, já que move de maneira visível a economia local. Entretanto, isso não ocorre na cidade de Jacobina. Muitos desses referenciais, por influência direta do capital, têm si perdido ao longo do tempo, devido aos novos usos (funções), atribuídos a esses locais, ou ainda a fraca fiscalização, mesmo tendo monumentos registrados pelos órgãos responsáveis.

Através desta pesquisa pretendeu-se investigar a influência das transformações arquitetônicas no centro de Jacobina na perda dos referenciais urbanos. Esse foi o objetivo principal da presente pesquisa. Bem como analisar a noção sobre os referenciais urbanos dos moradores; identificar as transformações nas formas arquitetônicas e as novas funções; explicar de que forma ocorre a perda dos referenciais no centro urbano de Jacobina.

Através da pesquisa de campo, que teve como instrumento de coleta de dados entrevistas, constatou-se a partir das análises realizadas sobre as falas do sujeitos, que ainda que o desaparecimento dos marcos referenciais constituam um fator positivo ou negativo para os sujeitos, bem como as novas funções dos casarios, ficou evidente que em sua maioria, consideram a perda dos referenciais urbanos, produto das tantas modificações ocorridas no centro.

O centro urbano de Jacobina mantém monumentos tombados, mas que não são os únicos vistos como referenciais. Constatou-se que há muitas outras construções, de grande valor histórico para os indivíduos. A representação que estes referenciais dão a história dos jacobinenses não está necessariamente ligada às instâncias de preservação aos patrimônios históricos e culturais, uma vez que muitos dos sujeitos não sabem de fato quais monumentos são tombados ou não, pois a maioria tem conhecimento apenas das igrejas.

Além do IPHAN e do IPAC, que atuam na preservação direta desses patrimônios históricos, se percebeu a necessidade de uma fiscalização e contribuição direta do poder municipal, fato que facilitaria possíveis intervenções de preservação, controle e reformas nos monumentos históricos, ou ainda, intervenções no sentido de registrar outros monumentos considerados de grande valor histórico

para a cidade. Além de dar abertura possíveis denúncias e propostas diretas da população, a fim de que estes monumentos continuem a repercutir a história da cidade, que não só tem um valor importante em nível estadual, como também federal, tendo em vista a sua principal aspecto de surgimento foi pautado na exploração aurífera, além de ter sido em um determinado momento uma cidade de grande relevância devido à produção aurífera.

Há ainda outras questões que podem ser pesquisadas sobre o centro histórico da cidade de Jacobina. Uma delas seria por que a cidade não mantém uma estrutura turística articulada, já que a cidade ainda oferece tantas características atrativas. E a visitação ao centro histórico poderia ser ainda mais estimulada se existisse uma organização para tal.

O centro urbano de Jacobina, apesar das tantas transformações sofridas em sua arquitetura, ainda consegue contar a história da cidade, ainda que os referenciais urbanos tendam a cada vez mais se modificar. Nesse sentido, o que se entende é que, quer pensemos ou não, esse espaço urbano, em especial, o centro histórico urbano de Jacobina, ainda criará possibilidades infinitas e diríamos mais, inesgotáveis de novas análises sobre os mesmo, tendo em vista que o fenômeno é tão efêmero, e se constitui como verdadeira metamorfose. O espaço urbano, mais que isso, reflexo social, lócus da produção e reprodução das relações humanas, e que a cada dia torna-se ainda mais multifacetado.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Paulo Ormino de. Jacobina e a Chapada Diamantina. *In*: BRANDÃO, Maria de Azevedo; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino (Org). **Jacobina: passado e futuro**. Jacobina- BA: ACIJA, 1993.

BLUME, Luiz Henrique dos Santos. Imagens da cidade: memória da modernidade no sertão. Jacobina, BA, 1920-1950. *In*: MENEZES, Adriano; OLIVEIRA, Valter de (Org). **Cultura urbana na Bahia: estudos sobre Jacobina e região**. Salvador: EDUNEB, 2009.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A cidade**. 2ed. São Paulo: Contexto, 1994.

_____. **Espaço e tempo na metrópole: a fragmentação da vida cotidiana**. São Paulo: Contexto, 2001.

CORRÊA, Roberto Lobato. et al (Org). **Geografia: Conceitos e Temas**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2003.

DANIELA, Pereira. **Jornal Tribuna da Bahia**. Disponível em: <<http://www.tribunadabahia.com.br/>>. Acesso em 31 de Jan. de 2014.

FARIAS, Sara Oliveira. **Enredos nas minas de ouro de Jacobina**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2008.

GOMES, Otávio Victor. **Os marcos referenciais urbanos**. Prêmio de produção científica Reynaldo Camargo Neves. 03 a 07 de outubro de 2011. Disponível em: <http://www.unifil.br/portal/arquivos/publicacoes/paginas/2012/2/450_699_publipg.pdf>. Acessado em: 10 Mai 2014.

IBGE. **Biblioteca**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=291750#>>. Acesso em 08 dez. 2012.

IPAC- Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia. Disponível em: <<http://www.ipac.ba.gov.br/>>. Acessado em 3 de Março de 2014.

IPAC-BA. **Inventário de Proteção do Acervo Cultural da Bahia: monumentos e sítios da Serra Geral e Chapada diamantina**. 2 ed. Salvador, 1997.

IPHAN–Instituto do Patrimônio Artístico e Nacional. **Lista de Bens Culturais Inscritos nos Livros de Tombo (1938-2012)**. Rio de Janeiro, fevereiro de 2013. Disponível em: <<http://www.iphan.gov.br/baixaFcdAnexo.do?id=3263>>. Acesso em: 12 Abr de 2014.

IPHAN- **Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/portal/montarPaginalInicial.do>>. Acesso em: 10 Jul 2013.

JESUS, José Alves. urBA. 13. Cidade contemporânea: utopias, distopias e heterotopias.. **Mutações territoriais: a (Re) produção do espaço urbano na Comunidade de Canavieiras de Fora em Jacobina- Ba**. Disponível em:<

<http://urbba13.blogspot.com.br/p/trabalhos-completos.html>>. Acesso em 10 de Mai. De 2014.

LEFEBVRE, Henry. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

LEMOS, Doracy Araújo. **Jacobina sua história e sua gente/ memórias**. Jacobina: DA Lemos, 1995.

LUIZ, Rosa Ribeiro. **Interiorização e Patrimônio**. Disponível em: <<http://www.ipac.ba.gov.br/wp-content/uploads/2011/11/lularosa.pdf>>. Acesso em: 05 Mai 2014.

OLIVEIRA, Valter Gomes Santos de; SAMPAIO, Alan da Silva (Org). **Arte e cidade: Imagens de Jacobina Bahia**. Salvador: EDUNEB, 2006.

QUEIROZ, Lúcia Aquino de. O Espaço Turístico do Centro Histórico: formação, transformações, perspectivas e desafios. GOTTSCHELL, Carlota de Souza; SANTANA, Mariely Cabral de (Org); ROCHA, A.G.P; PIMENTEL. A [et al]. **Centro da cultura de Salvador**. Salvador: EDUFBA: SEI, 2006.

SANTOS, Milton. **Espaço e método**. 3.ed. São Paulo: Nobel, 1992.

_____. **Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da Geografia**. São Paulo: Hucitec, 1988.

_____. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 20 ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2011.

SIPAC- **Sistema de Informações do Patrimônio Cultural da Bahia**. Disponível em: <<http://patrimonio.ipac.ba.gov.br/municipio/jacobina/>>. Acesso: em 3 Mai 2014.

SILVA, Cleriston. **O seu portal de notícias!** Disponível em: <<http://www.cleristonsilva.com.br/2013/12/jacobina-igreja-tombada-pelo-iphhan.html>> Acesso em: 05 Jan 2014.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **ABC do desenvolvimento urbano**. 6 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

SPÓSITO, Eliseu Savério. **A vida nas cidades**. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2001.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: Difel, 1983.

Tribuna da Bahia. Disponível em: <<http://www.tribunadabahia.com.br/2014/01/31/prefeitura-tomara-posse-de-casarios-em-salvador-que-estao-sob-risco-de-desabar>>. Acesso em: 25 Mai 2014.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. Tradução Ana Thorell. 4 ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.

APÊNDICES



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA- UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS- CAMPUS IV
COLEGIADO DE GEOGRAFIA

Roteiro de entrevista

- 1- Há quanto tempo você reside no Centro de Jacobina?
- 2- Qual a condição do seu imóvel?
() Próprio () Alugado
- 3- Qual o tipo do imóvel?
() Casa () Sobrado () Apartamento () Outro
- 4- O que mais aprecia (gosta) no Centro?
- 5- Para você, a configuração da estrutura arquitetônica do centro urbano de Jacobina lembra outras cidades?
- 6- A configuração da estrutura arquitetônica do Centro Urbano de Jacobina lembra outras cidades?
- 7- Ocorreram transformações na arquitetura e na forma dos prédios e casarões do centro urbano de Jacobina? Qual ou quais? Por quê?
- 8- Você pretende vender ou alugar a sua residência? Justifique.
- 9- Para você, deveria existir uma forma de regularização dessas modificações e apropriações? Justifique.
- 10- Como você imagina o centro de Jacobina no futuro?



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA- UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS- CAMPUS IV
COLEGIADO DE GEOGRAFIA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Título do Projeto: A PERDA DOS REFERENCIAIS URBANOS NO CENTRO DE JACOBINA

Dados do pesquisador:

Nome: ROSILANE GOMES DE OLIVEIRA

Endereço: RUA PROFESSORA CLIECINA M. RIOS, CASA 220- CENTRO ,CEP 44715-000 VÁRZEA DO POÇO / BAHIA

Tel: (74) 9932-8805

A pesquisa tem como objetivo explicar a influência das transformações arquitetônicas no centro de Jacobina na perda dos referenciais urbanos, a fim de demonstrar se essas modificações na arquitetura do Centro condicionam a perda dos referenciais. Para essa análise, será necessário coletar dados através de entrevista e gravações. O risco que a pesquisa pode trazer é o seu desconforto pessoal, porque sua identidade será preservada, bem como o objeto de pesquisa não trará implicações na política local. Os resultados da pesquisa tendem a orientar possíveis regulamentações sobre o uso dos prédios no centro urbano de Jacobina.

Depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificado no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), eu, _____ autorizo,

através do presente termo, a pesquisadora **Rosilane Gomes de Oliveira** do projeto de pesquisa especificado acima, realizar os procedimentos que se façam necessários sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização destes depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências), em favor da pesquisa acima especificado, obedecendo ao que está previsto nas Leis que resguardam os direitos de personalidade (Código Civil, Lei N.º10.406/2002).¹²

_____, ____ de _____ de 2013

Sujeito da pesquisa

Pesquisador Responsável pelo projeto

¹² Rua J.J Seabra, nº158 – Bairro: Estação – Jacobina – Bahia - CEP: 44700-000 TELEFAX: (74) 3621 3337

ANEXOS

Igreja da Missão



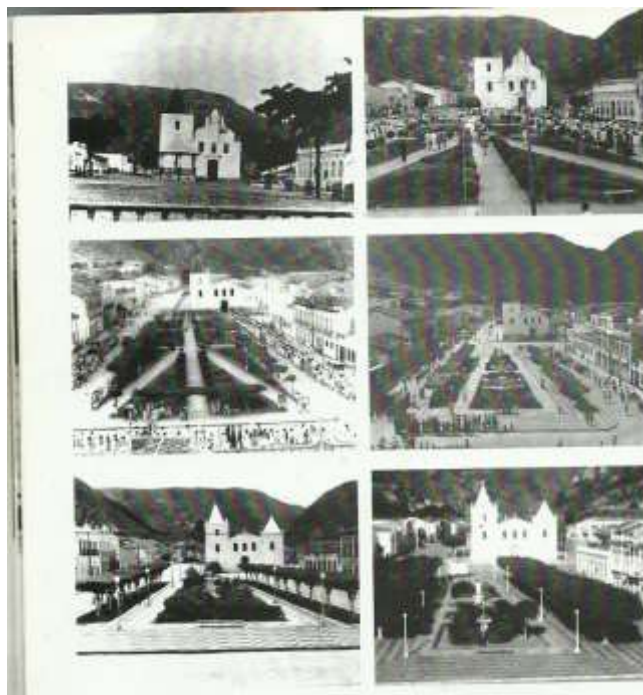
JUVENTINO ROGRIGUES E AMADO NUNES. Capela do Bom Jesus da Glória. Alto da Missão, datas não identificadas, 12,5x25cm. Adaptado de OLIVEIRA e SAMPAIO, 2006.

Avenida Col. Teixeira



AURELINO GUEDES. Av. Col. Teixeira. Década de 1950. 21x15 cm. Adaptado de OLIVEIRA e SAMPAIO, 2006.

Praça Castro Alves



JUVENTINO RODRIGUES, AURELINO GUEDES, OSMAR MICUCCI E LINDENÍCIO RIBEIRO. Praça da Matriz. Com este painel notam-se as diferentes fases da Praça da Matriz, entre as décadas de trinta ao início de oitenta. Datas diversas/ 30x25cm. Adaptado de OLIVEIRA e SAMPAIO, 2006.

Praça Rio Branco/Noite



OSMAR MICUCCI. Vista noturna. Praça Rio Branco. 1962, 25x18,6cm. Adaptado de OLIVEIRA e SAMPAIO, 2006.

Praça Rio Branco/ Parque infantil



OSMAR MICUCCI. Parque infantil. Praça Rio Branco. 1962, 25x18,6cm.

Adaptado de OLIVEIRA e SAMPAIO, 2006.

Igreja da Matriz



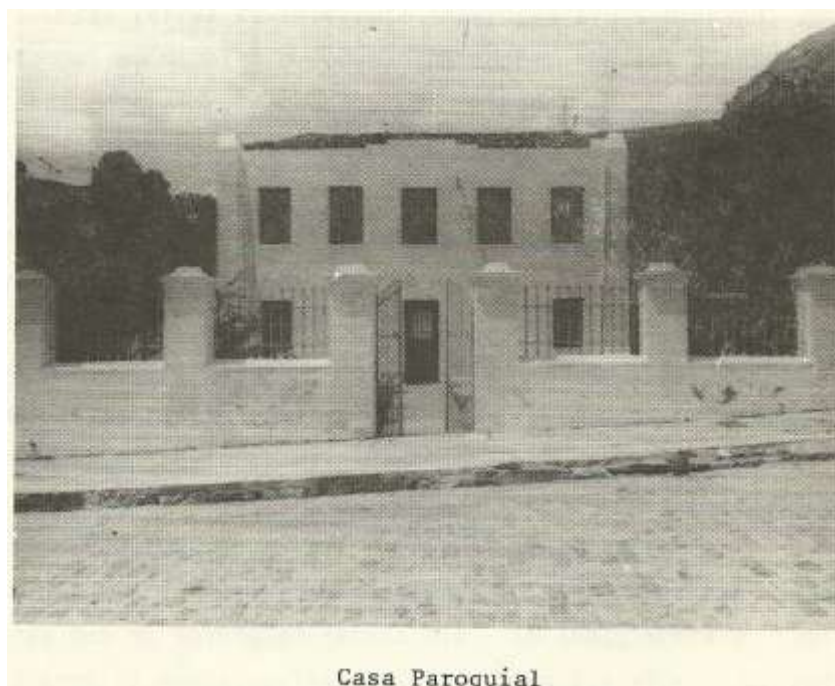
Fonte: Adaptado de AZEVEDO, 1993.

Igreja da Conceição

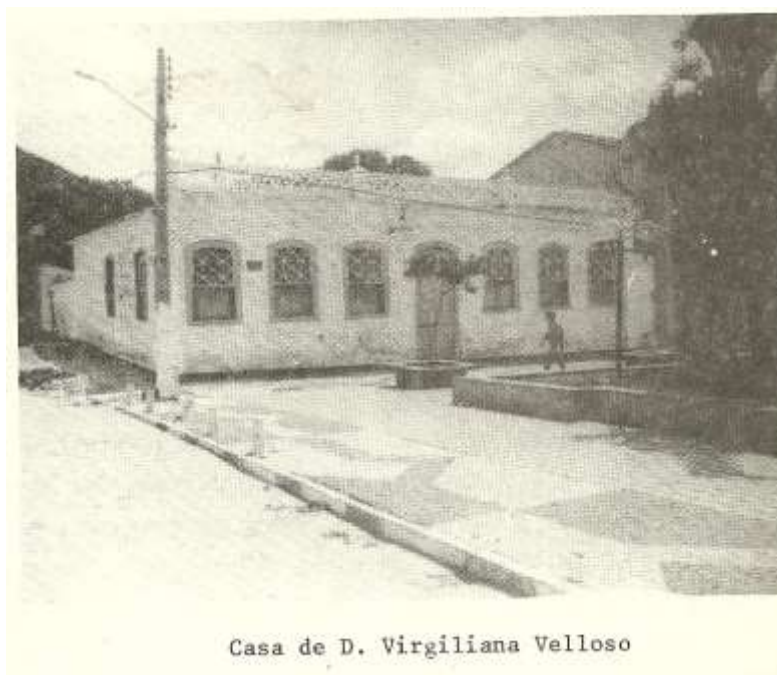


Fonte: Adaptado de AZEVEDO, 1993.

Antiga Casa Paroquial



Fonte: Adaptado de AZEVEDO, 1993.



Casa de D. Virgiliana Velloso

Fonte: Adaptado de AZEVEDO, 1993.